

Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação Física

**PERCEPÇÃO CORPORAL PARA ADOLESCENTES
ATLETAS DO SEXO FEMININO,
PRATICANTES DE VOLEIBOL**

Priscila Lapi

Profª Drª Silvana Venâncio
Orientadora

Campinas
2003



**PERCEPÇÃO CORPORAL PARA ADOLESCENTES
ATLETAS DO SEXO FEMININO,
PRATICANTES DE VOLEIBOL**

A handwritten signature in black ink is written over a horizontal line. The signature is cursive and appears to read 'Priscila Lapi'.

Priscila Lapi
Autora

Profª Drª Silvana Venâncio
Orientadora

*Monografia apresentada como requisito
parcial para a obtenção do título de
Licenciado em Educação Física, da
Faculdade de Educação Física da
Universidade Estadual de Campinas.*

RESUMO

A imagem corporal é a figuração do nosso corpo formada em nossa mente, o modo pelo qual o corpo se apresenta para nós e como conseguimos percebê-lo e relaciona-lo com o mundo. Adolescência é a fase do desenvolvimento humano onde as mudanças do corpo e de comportamento são mais visíveis. O momento de conflitos, descobertas, adaptações e decisões, onde o esporte torna-se cada vez mais inserido com o objetivo de promover a saúde do adolescente, além de ser uma possibilidade de ascensão a uma carreira de vitórias e lucros. O objetivo deste trabalho foi descobrir como atletas adolescentes percebem seu corpo como mulheres e jogadoras de voleibol. Em entrevistas realizadas com atletas da equipe do Campinas Volleyball Club – Melhoramentos, através da metodologia de História de Vida, pudemos perceber que o esporte espetáculo é um dos principais objetos de formação de opinião sobre a imagem que as atletas adolescentes têm de seu corpo e de um corpo ideal que buscam através do esporte. As brincadeiras de infância, as aulas de Educação Física, a opinião da família e dos amigos e a vida como um todo dentro e fora das quadras, influenciam na formação da imagem que a adolescente passa a construir de seu corpo de forma diferenciada pela prática do voleibol.

ABSTRACT

Corporal image is the way we perceive our body and how we feel it in relation with the world. Adolescence is the human development phase when body changes are more visible and sports can emerge as a career option. We researched as adolescents notice her body as women and athletes. During interviews with a volleyball athletes team, we realize that spectacle sports are one of the main objects in the image formation the adolescent female athletes have about their bodies and the ideal they seek through sports. The childhood games, physical education classes, family and life, inside and outside the court, influence the building of a corporal image differentiated by the practice of the volleyball.

SUMÁRIO

LISTA DE ANEXOS	VI
INTRODUÇÃO	1
I - O PROBLEMA	2
II- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	4
Conhecimento Corporal	5
Esquema Corporal	7
Consciência Corporal	8
Imagem Corporal	9
O Corpo e o Esporte	11
III - TRAJETÓRIA METODOLÓGICA	13
Caracterização da Pesquisa	13
História de Vida	14
História Oral	15
Grupo Investigado	15
Instrumentação	16
Coleta dos Dados	16
Tratamento dos Dados	16
IV - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	18
Descrição da Trajetória Individual do Corpo Feminino	18
Quadro Temático	26
Conversando sobre as categorias temáticas	26
V - CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51
ANEXOS	53

LISTA DE ANEXOS

ANEXO	PÁGINA
I - Roteiro para Entrevista	53
II - Registro Original das Entrevistas	55

INTRODUÇÃO

O nosso estudo se inicia com a abordagem da história de vida de um grupo de adolescentes atletas do sexo feminino, pertencentes a uma equipe de voleibol. Acreditamos que a observação dos depoimentos que obtivemos, nos capacitaria para uma grande discussão, uma preciosa análise sobre a imagem corporal destas atletas e a percepção que elas possuem, e vêm construindo, de seu próprio corpo enquanto mulheres e jogadoras de voleibol.

Na primeira parte caracterizamos o problema, a questão que serviu de base para o início de nossos estudos. Juntamente com esta pergunta vieram os objetivos do nosso trabalho.

Na segunda parte podemos encontrar toda a fundamentação teórica utilizada como pressupostos para nossas análises. Alguns conceitos fazem parte deste referencial. Conhecimento corporal, esquema corporal, consciência corporal, imagem corporal e o corpo e o esporte, são questões as quais sentimos a necessidade de abordar com muita clareza, apoiados nas idéias e opiniões de autores que produziram conhecimento nestas áreas.

Após a fundamentação teórica, nos referimos à trajetória metodológica, caracterizada por uma pesquisa qualitativa que utiliza a história de vida oral como método de investigação. Para elaborarmos a história de vida das adolescentes atletas, enfocamos nas entrevistas quatro momentos: atividades corporais na infância, na adolescência, as atividades corporais desenvolvidas num aspecto global e a relação da adolescente com o próprio corpo.

Com as entrevistas em mãos analisamos os dados, organizando-os em etapas: o registro original, que se caracterizou pela transcrição integral da entrevista, o registro cronológico que ordena as informações obtidas em formato de texto e o registro temático, organizado em forma de um quadro, do qual foram retiradas as categorias temáticas, que posteriormente foram discutidas a partir da análise dos dados integrada ao referencial teórico e unida às opiniões do pesquisador.

Nas considerações finais procuramos dar nosso parecer diante da comparação entre as histórias de vida das adolescentes atletas, sua opção pela prática de voleibol e a percepção corporal que elas possuem de seus próprios corpos.

I - O PROBLEMA

Os esportes coletivos têm se desenvolvido de maneira surpreendente nas últimas décadas em todo o planeta. No Brasil, podemos encontrar hoje grandes expoentes em quase todas as modalidades; o país está deixando de ser exclusivamente *do futebol* para tornar-se também do basquetebol, voleibol, natação, tênis, entre tantos outros. A superação de marcas é um requisito importante para que cada atleta contribua para o desenvolvimento de seu esporte.

Atualmente podemos perceber mudanças nos padrões de força e estatura dos atletas de voleibol, com relação aos atletas de gerações anteriores. Uma possível justificativa para tais alterações seria a necessidade de superar e, ao mesmo tempo, impor obstáculos. Atletas mais altos muitas vezes são capazes de atacar a bola sobre o bloqueio adversário, além de se transformarem em verdadeiras barreiras quando atuam bloqueando. A força é apenas mais uma das capacidades físicas envolvidas na modalidade que, assim como velocidade de deslocamento e tempo de reação, deve ser cada vez mais trabalhada e apurada para a melhoria da performance dos atletas.

Para que nossos atletas de alto nível alcancem o patamar dos esportistas internacionais, o processo de treinamento se inicia cada vez mais cedo, além dos períodos serem gradativamente maiores. Para que se comece a treinar são exigidos das crianças ou dos adolescentes, além de alguma habilidade com o esporte, também aptidões físicas adequadas. No caso do voleibol é exigida, principalmente, uma estatura elevada.

Mas, neste ponto consiste o maior problema. Como uma criança pode ser selecionada por sua estatura, se ainda não passou por todo seu processo de desenvolvimento? Como um adolescente pode ser selecionado por sua habilidade, se durante esta fase de sua vida suas coordenações encontram-se muitas vezes totalmente desordenadas?

Neste momento o esporte, mesmo sendo coletivo, torna-se muito individualista e garante ao futuro atleta mais um motivo para conflitos. Para que possa atingir um lugar elevado dentro de sua modalidade é preciso que cada vez mais cedo o adolescente atinja seus maiores níveis de estatura e coordenação possíveis.

O problema que conduzirá este estudo consiste portanto em: **“Qual a percepção que a adolescente atleta tem de seu corpo?”**

A intenção é a de compreender como a adolescente, já bastante confusa com suas transformações individuais, lida com mais esta série de exigências que o esporte lhe confere e até que ponto este padrão pode interferir em mudanças psicológicas, como complexos e sentimentos de incapacidade.

II - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este momento de nosso estudo tem a finalidade de apresentar a revisão de literatura referente aos temas abordados com o objetivo de elaborar o referencial teórico de análise, estando estruturado em seis seções: Introdução; Conhecimento Corporal; Esquema Corporal; Consciência Corporal; Imagem Corporal; O Corpo e o Esporte.

Introdução

O objetivo deste levantamento bibliográfico foi descobrir o que alguns autores pensam e escrevem a respeito de *imagem corporal*, para poder, a partir daí, emitir nossa opinião relacionando o assunto com o nosso objeto de pesquisa.

Ninguém desenvolve um trabalho científico sozinho. Desenvolve-o no prolongamento de estudos de uma comunidade invisível - os outros investigadores que já se interessaram e estudaram o mesmo problema - de quem muitas vezes não conhece nem o primeiro nome, nem nacionalidade, mas que solidamente contribuíram para a formulação do problema. (RODRIGUES, 1998, p. 7).

Este posicionamento do autor no prefácio do livro "*Corpo, Espaço e Movimento*" se entrelaça com o propósito deste estudo. Lendo textos sobre imagem corporal, pudemos perceber que por ser muitas vezes tratado por doutores em psiquiatria e neurologia, este assunto vem sendo relacionado à patologias. Isto significa que uma abordagem diferenciada, ligada à Educação Física e, especificamente, ao esporte torna-se muito relevante.

No início do século XX, alguns neurologistas despertaram para distúrbios relacionados à percepção corporal e dedicaram seus estudos à detecção das áreas cerebrais correlacionadas à esta função. Tavares (2003), retrata um levantamento histórico das pesquisas direcionadas à esta área nos últimos dois séculos.

Segundo a autora, Franz Joseph Gall propôs uma teoria denominada frenologia, que determinava que o cérebro humano seria dividido em 35 órgãos distintos com funções específicas. Gall afirmava que a maior utilização de uma destas áreas acarretaria mudanças de formato do crânio garantindo-lhe padrões de relevo específicos e sua teoria foi bastante questionada por apontar um caráter exclusivamente biológico para a individualidade da mente.

Partindo de experiências com animais na década de 1820, Pierre Flourens concluiu que uma lesão em qualquer área do cérebro atingiria todas as funções superiores e propôs que qualquer parte do hemisfério cerebral seria capaz de desempenhar todas as funções. Assim, nasceu a *hipótese do campo agregado*, que predominou até meados do século XIX.

A primeira metade do século XX foi rica em pesquisas que ajudaram a afirmar a hipótese do campo agregado. Henry Head deixou importantes contribuições para a pesquisa sobre imagem corporal partindo desta hipótese. É dele a afirmação de que “cada indivíduo constrói um modelo de si que constitui o padrão de comparação e exigência básica para a coerência na execução de cada nova postura ou movimento corporal” (TAVARES, 2003, p. 45). Para este modelo, Head deu o nome de esquema.

O século passado foi marcado predominantemente por estudos neurológicos do fenômeno do membro fantasma, que permitiram a constatação de que a imagem corporal é central e se adapta lentamente à perda de um dos membros do corpo. Durante este último século, Paul Schilder, Merleau-Ponty, Le Bouch e Lapierre vêm pesquisando o tema em outras frentes, com a finalidade de garantir maior abrangência, apresentando “uma visão de imagem corporal vinculada à identidade da pessoa que se desenvolve de forma indissociável dos aspectos fisiológicos, sociais e psicológicos” (TAVARES, 2003, p. 47).

A situação atual apresenta pesquisas ainda bastante incongruentes sobre o tema, principalmente pela dificuldade em assumir uma perspectiva sistêmica da imagem corporal. A maior busca consiste em apresentar uma conexão do desenvolvimento da imagem corporal com o da identidade da pessoa. Neste âmbito, pesquisas em psicanálise passam a reconhecer a importância e a presença do corpo, trazendo novos métodos para o desenvolvimento da imagem corporal vinculado ao processo de organização, integração e desenvolvimento da identidade corporal.

Conhecimento Corporal

Cada indivíduo dentro de seus parâmetros de vida tem sua maneira de se entender como um corpo. Esta forma de compreender-se depende, sem dúvida, da história de vida deste ser, de traços delimitados por sua educação, crenças

religiosas, época em que vive, traumas e fatos que o deram prazer ou repúdio e que estão intrínsecos em sua concepção de vida. Para descrever este fenômeno, podemos nos utilizar da definição de um conhecimento corporal, uma noção total que envolveria aspectos anatômicos, fisiológicos, sociais, étnicos, psicológicos dentre tantos outros que poderiam ser citados. Toda esta composição do conhecimento pode ser dissecada em pequenos conceitos, que definidos podem ajudar a compreender como se comportam os homens diante do conhecimento de seu próprio corpo.

Termos como consciência corporal, percepção corporal, esquema corporal e imagem corporal são freqüentemente utilizados sem uma clara definição, mas o que observamos é uma interligação entre os mesmos. Para Schilder (1980):

O indivíduo está ativamente voltado para a aquisição de dados que digam respeito ao mundo e a seu próprio corpo. O conhecimento do nosso corpo é resultado de um esforço contínuo. Não existe um desenvolvimento do modelo postural do corpo decorrente apenas de fatores internos. É verdade que há maturação e não sabemos exatamente quando ela pára. Mas a maturação não é desenvolvimento mecânico. O desenvolvimento é guiado pela experiência, erro e acerto, esforço e tentativa. Só dessa forma podemos atingir o conhecimento organizado do nosso corpo. (p. 49)

Este *conhecimento organizado* é muito facilmente detectado na presença da motricidade. O corpo em movimento nos permite ter a consciência de sua existência, de suas funções e habilidades, bem como de suas limitações, além do que, durante o movimento é que o corpo recebe a maior quantidade de estímulos possível, estímulos estes que poderão ser táteis, gustativos, olfatórios, auditivos e principalmente visuais, cinestésicos e proprioceptivos, que irão se transformar em informações preciosas para a formação da consciência corporal, do esquema corporal e da imagem corporal. Sobre isto Schilder (1980) diz:

Chegamos à conclusão geral de que o modelo postural do corpo se desenvolve especialmente em contato com o mundo externo, e que aquelas partes de nosso corpo que mantém um contato variado e estreito com a realidade são as mais importantes. (p. 59)

Neste aspecto, uma definição dos termos consciência, imagem e esquema corporal permitiria a obtenção de uma concepção completa de como se comporta o corpo diante de seus atos.

Esquema Corporal

A neurologia consolida a noção de esquema corporal a partir da idéia de que todos os indivíduos nascem com uma estrutura biológica capaz de fazê-los perceber o mundo em sua volta e reagir com atitudes motoras diante das situações impostas por ele. Para Rodrigues (1998):

[...] o esquema corporal é normalmente conotado com uma estrutura neuromotora que permite ao indivíduo estar consciente de seu corpo anatômico, ajustando-o rapidamente às solicitações de situações novas e desenvolvendo ações de forma adequada, num quadro de referência espaço-temporal dominado pela orientação esquerda-direita. (RODRIGUES, 1998, p. 20)

Os estudos a respeito do esquema corporal iniciaram-se a partir da constatação de que, após a perda de membros do corpo, as pessoas tendiam a substituí-los por *fantasmas*, ou seja, elas continuavam os sentindo como se realmente estivessem ali e fosse possível realizar com eles toda espécie de movimento. Esta descoberta permitiu analisar e constatar que havia uma rede neurológica capaz de manter nítida, a ponto de confundir a mente, uma imagem de uma parte do corpo que já não o pertencia.

Está claro que o quadro final de um fantasma depende grandemente de fatores emocionais e da situação de vida. Provavelmente, a maneira como o esquema do corpo é construído e aparece no fantasma tem uma significância geral. É um modelo de como está acontecendo na periferia do corpo. Mas somente a interação entre a periferia e o centro cria a aparência final. Esta interação se baseia na multiplicação lúdica das experiências psíquicas. O processo de modelagem das experiências utiliza repetidamente as sensações reais. Mas o significado real, a significância real de uma experiência, é devida às atitudes emocionais ou, em outras palavras, à situação de vida. Nosso corpo e sua imagem certamente são objeto das emoções fortes. Depois da amputação, o indivíduo tem que enfrentar uma nova situação, mas como reluta em aceitá-la, tenta manter a integridade de seu corpo. (SCHILDER, 1980, p. 62).

Este diagrama complexo de interpretação do corpo não é imutável simplesmente porque o próprio corpo está em constante modificação. Todas as sensações adquiridas através dos sentidos, todo o comportamento do mundo externo ao organismo influenciam diretamente em seu funcionamento interno e na forma como os mecanismos se comportam. Uma criança bem estimulada durante todo seu crescimento certamente será um adulto apto a adaptar-se as mais

diferentes situações. Porém, o que vemos normalmente é uma série de *castrações* proporcionadas pela vida em sociedade. Crianças pequenas são comumente impedidas de tocar-se, assim como de tocarem o corpo de outras crianças, hábitos rígidos são inseridos em nossa cultura de forma a transformar o corpo humano em algo parecido com uma máquina. O grande erro é que estes impedimentos não permitem a formação da vasta gama de possibilidades de respostas necessárias à vida. Muitas vezes deparamo-nos com ocasiões onde nosso corpo não sabe como se comportar, que movimento fazer, enfim, como agir.

Tavares (2003) ressalta a relevância dos estudos sobre imagem corporal em conexão com o desenvolvimento da identidade da pessoa e por ser o ponto norteador das relações do homem com o mundo. As diferenças entre os termos imagem e esquema corporal devem ser consideradas como parte de um todo para que não corramos o risco de utilizarmos de uma concepção dual onde o esquema trataria de um corpo neurológico enquanto a imagem definiria um corpo espiritual enquanto sabemos que um não existe na ausência do outro.

Consciência Corporal

Durante séculos a humanidade foi levada a crer que sua existência era constituída destas duas partes, essenciais porém distintas e muitas vezes separadas. Perante a Igreja, por exemplo, o homem era levado a crer que seu *corpo* deveria agir da maneira mais próxima da *correta santidade* afim de que sua *alma* alcançasse o paraíso após a falência do organismo, ou seja, a morte.

Não há dúvidas de que esta concepção dual perdurou por muitos anos e ainda convive em nossa sociedade, contudo, a busca por um ser humano único e total está cada vez mais forte diante de nossa realidade. A medicina é um exemplo claro disto, buscou durante décadas a especialização de seus doutores, que cuidavam cada vez mais de problemas específicos e que foram, aos poucos, deixando de pensar no paciente como um ser completo, dotado de sentimentos e noções que ultrapassavam a condição da doença e transcendiam em busca de seu próprio entendimento de como melhorar seu estado de vida. O que vemos hoje, já em grande escala, é a procura por explicações que contenham a fórmula de um ser humano mais holístico. O holismo é uma maneira que cada indivíduo utiliza para compreender o próprio Eu, ou seja, ele mesmo, e entender a posição que ocupa no

mundo. Para esta compreensão é necessário que o homem tenha condições de ter consciência de sua existência, das manifestações do seu corpo em forma de ações e dos sentimentos que o atingem diante das ocorrências externas.

A expressão consciência corporal pode parecer também dicotômica. Torna-se necessário compreender que ela não se restringe aos aspectos anatômicos e fisiológicos das pessoas, ou seja, ter consciência corporal não é apenas entender como seus órgãos se relacionam e funcionam conjuntamente, mas sim perceber que o corpo funciona de acordo com os acontecimentos, modelado pelo meio ambiente, respeitando normas e padrões de referências sociais. Ter consciência corporal significa analisar e concluir que seu próprio corpo é parte integrante e agente deste universo e que, de diversas maneiras pode atuar neste aspecto.

Levam-nos, porém, a entender que a consciência corporal pode ser interpretada por diferentes visões filosóficas e que as ações corporais colocam-nos num mundo de sensações e percepções, ora com características neurofisiológicas, ora com significância psicológica. Tendo-se o corpo como referência permanente nas infinitas relações estabelecidas, indicando que constantemente alteramos nossos esquemas, e na dialética com o mundo exterior, almejamos a cada momento a nossa própria consciência corporal. (MELO, 1997, p.20)

Imagem Corporal

Segundo Schilder (1980) podemos ter a seguinte definição:

Entende-se por imagem do corpo humano a figuração de nosso corpo formada em nossa mente, ou seja, o modo pelo qual o corpo se apresenta para nós. Há sensações que nos são dadas. Vemos partes da superfície do corpo. Temos impressões táteis, térmicas e de dor. Há sensações que vêm dos músculos e seus invólucros, indicando sua deformação; sensações provenientes da inervação dos músculos [...]; e sensações provenientes das vísceras. Esta unidade é percebida, porém é mais do que uma percepção. (p. 11)

Desta afirmação é importante ressaltar que a imagem corporal é o *modo pelo qual o corpo se apresenta para nós*. Sabemos que possuímos um corpo e o vemos e sentimos de uma forma especial e única. Esta forma é a auto-imagem, como nos enxergamos como ser humano diante do mundo.

Ninguém nasce com uma imagem corporal definida, formada, imóvel, muito pelo contrário, a construção da auto-imagem é individual e depende da vida que a pessoa terá a partir de seu primeiro minuto após o nascimento. Assim sendo, todos os estímulos recebidos através dos sentidos, todas as vivências proporcionadas ao ser humano, vão delimitando uma visão que ele próprio terá de seu corpo e a partir

da qual se comportará em sociedade. Rodrigues (1998) descreve que a imagem do corpo relaciona-se com a consciência que o indivíduo tem do seu corpo em termos de juízo de valor afetivo.

É importante ressaltar que a imagem corporal jamais será construída sem a influência da sociedade, das vidas em comum e da opinião de outras pessoas com relação ao seu próprio corpo. Jana (1995) diz o seguinte:

Não estamos já exactamente no domínio do intracorpo, mas também não estamos totalmente fora: a minha consciência do corpo é, também ela, mediatizada pelo outro. Portanto, a própria imagem que o corpo tem de si mesmo não é imediata, antes resulta de um processo de construção na e pela inter-relação corporalizada do mundo das coisas. (p. 52)

Podemos constatar através da análise deste trecho que intracorpo e extracorpo são duas porções de uma mesma unidade, ou seja, para que o seu corpo interno em pleno funcionamento seja percebido e analisado da forma como se comporta ou que realmente é, torna-se necessário uma análise baseada em uma visão muitas vezes apoiada em *espelhos sociais*, ou seja, é sempre útil ouvir outras opiniões a respeito de seu próprio corpo a fim de construir uma imagem que se adapte não só aos seus desejos e inquietações, mas que também se enquadre na concepção da imagem social.

Apesar desta adequação parecer essencial, seria ideal perceber que não existem padrões definidos de certo ou errado quando se trata de imagem corporal, principalmente por esta ser fruto de uma interrelação pessoal. Segundo Delgado (1994):

[...] es preciso apuntar también que los conceptos de la **buena imagen**, el **buen aspecto**, el ser **guapo**, etc., son del todo relativos a nivel intercultural, dado que lo que para unos puede entenderse como buen maquillaje, para otros puede ser tan sólo un rostro pintado sin mayor atractivo, y lo que para otros denota belleza y distinción puede ser entendido por unos como verdaderas mutilaciones corporales. (p. 187)

Fica claro que a imagem corporal enquadra-se como uma definição que caminha paralela à cultura. As tradições, a moda, a religião são caracteres determinantes de como poderemos nos sentir diante de nosso próprio corpo, por isso é tão freqüente e aceita a mudança de padrões decorrentes de uma nova avaliação da auto-imagem. Schilder (1980) acrescenta que *quando, mesmo assim, o corpo não é suficiente para expressar as mudanças lúdicas e destrutivas que ocorrem nele, acrescentamos roupas, máscaras, jóias, que por sua vez também se*

expandem, contraem, desfiguram ou enfatizam a imagem corporal e partes dela (p.183).

A partir daí torna-se mais simples a compreensão do porquê de tantas crises psicológicas em torno das formas e *imperfeições* de nosso corpo. São muito comuns casos como de anorexia em mulheres, que por se compararem a padrões previamente estabelecidos, julgam-se tão gordas mesmo sendo magras, que podem chegar à morte por excessos em dietas e regimes.

O Corpo e o Esporte

É a partir deste embasamento teórico que pretendemos continuar nosso estudo até obter a resposta à questão inicial: *qual a percepção que a adolescente atleta de voleibol tem de seu corpo? A consciência, o esquema e a imagem corporal* caminham nitidamente unidos nos fornecendo um parâmetro para descobrir, através do esporte, como o corpo se comporta e como as pessoas refletem sobre si a partir deste comportamento.

O que vemos em todas as modalidades, não somente no voleibol, é uma disputa muitas vezes covarde, em busca de talentos precoces. As adolescentes que procuramos investigar, assim como todos os seres humanos, estão em permanente mudança e construção de sua imagem corporal e ainda passam por alterações de sua concepção sobre o que é, e como é o mundo.

Diante de todas estas alterações que lhes causam conflitos, elas ainda encontram-se diante de um desafio ainda maior: buscar ser uma grande atleta, de reconhecimento nacional, dotada de qualidades que muitas vezes só encontramos em atletas de alto nível as quais estas adolescentes se comparam.

Esta comparação não é em seu todo prejudicial. Ela leva nossas futuras atletas a perceberem-se como aspirantes a uma carreira e um corpo que algumas vezes até poderão ter. O grande empecilho torna-se a busca por características diferentes das que se têm geneticamente.

Atletas como as de nossa Seleção Brasileira de Voleibol, por exemplo, servem de espelho e modelo para as iniciantes. Contudo são dotadas de um biotipo procurado, visado, tantas vezes idealizado para a prática do esporte. Claramente percebe-se que para o rendimento esperado é normal que se busque o mais próximo da perfeição.

Chegamos à formulação geral de que os modelos posturais dos seres humanos se associam entre si e que quando não somos capazes de ter uma percepção verdadeira de nosso próprio corpo, também somos incapazes de perceber os corpos dos outros. (SCHILDER, 1980, p. 41)

Será que adolescentes têm condições de obter esta *percepção verdadeira de seu próprio corpo* sem submeterem-se a uma força esmagadora da manifestação de sua subjetividade? Será que esta *perfeição* é passível de ser alcançada aos 14 ou 15 anos de idade? Quais as implicações desta busca incessante no desenvolvimento físico e psíquico destas possíveis atletas? Será que as marcas impressas em seus corpos durante esta experiência poderão ser apagadas caso haja uma desilusão com relação a esta modalidade esportiva?

São estas as principais indagações diante deste tema que chega a ser polêmico e, serão suas respostas, o principal alvo e objetivo deste estudo.

III - TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

Apresentamos aqui os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento do nosso estudo organizados da seguinte forma: a primeira seção focaliza a caracterização da pesquisa; a segunda e a terceira tratam da metodologia propriamente utilizada *História de Vida e História Oral*; a quarta aborda a apresentação do grupo investigado; a quinta trata da instrumentação utilizada na realização do estudo; a sexta dedica-se aos procedimentos adotados para coletar dados; a sétima e última, explica o tratamento da análise das informações obtidas acerca da realidade investigada.

Caracterização da Pesquisa

Este estudo se caracterizará como uma pesquisa de natureza qualitativa que utilizará Histórias de Vida como procedimento de investigação, através da História Oral, sendo focalizados relatos biográficos paralelos.

A previsibilidade e a estabilidade dos fenômenos humanos ancorados no espírito positivo da pesquisa qualitativa foram questionadas pelas correntes de pesquisa que valorizam a complexidade e as contradições.

A pesquisa qualitativa, de modo geral contrapõe-se ao modelo experimental. Os pesquisadores que valorizam a abordagem qualitativa utilizam o método clínico que procura descrever o homem num dado momento, em determinada cultura, e o método histórico-antropológico que procura captar os aspectos específicos dos acontecimentos e dados no contexto em que ocorrem.

Segundo Chizzotti (1995), um outro aspecto separa a pesquisa qualitativa da quantitativa:

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito, o conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes uns significados e relações que os sujeitos concretos criam em suas ações. (p. 79)

A abordagem qualitativa em Educação Física é extremamente recente, tendo as primeiras aplicações a partir da década de 80. Segundo Chizzotti (1995):

Na pesquisa qualitativa, o pesquisador é um elemento fundamental, que deve assumir uma atitude aberta a todas manifestações que observa, libertando-se de preconceitos, predisposições e sem antecipar explicações nem se conduzir pelas aparências imediatas, a fim de alcançar uma compreensão ampla dos fenômenos.

História de Vida

Para Chizzotti (1995), a História de Vida torna-se um instrumento a favor da pesquisa, pois valoriza a obtenção de informações contidas na vida do sujeito e de várias pessoas. Nas palavras do autor, a História de Vida:

Pode ter a forma literária biográfica tradicional como memórias, crônicas ou relatos de homens ilustres que, por si mesmos ou por encomenda de terceiros, relatam os feitos vividos pela pessoa. As formas novas valorizam a oralidade, as vidas ocultas, o testemunho vivo das épocas ou períodos históricos [...] Pode ter a forma autobiográfica, onde o autor relata suas percepções pessoais, os sentimentos mais íntimos que marcaram a sua experiência ou os acontecimentos vividos no contexto de sua trajetória de vida [...] Outra forma de relato de vida é a psicobiográfica, onde o autor se situa no interior de uma trama de acontecimentos aos quais atribui uma significação pessoal e diante dos quais assume uma posição particular. (pp. 95-96)

Haguette (1992) afirma que a História de Vida pode desempenhar algumas funções tais como:

- servir como referencial para avaliar idéias, pensamentos, teorias que abordam o problema, deixando claro que os resultados obtidos através da análise de vida do sujeito são específicos e não assumem um caráter generalizante;
- contribuir em áreas de pesquisa que tratam da história de vida apenas tangencialmente, podendo servir de base para que as suposições sejam feitas a partir da realidade, aproximando-as, assim, do ponto em que a verdade se encontra;
- fornecer insights relativamente à subjetividade de vários estudos, no que se refere a processos institucionais, nos quais se considera a experiência individual;
- em função da riqueza de detalhes da história de vida, essa metodologia pode oferecer novas variáveis, novos questionamentos que podem levar a uma reorientação da área de estudo;
- dar sentido ao processo de investigação que requer um entendimento íntimo da vida dos sujeitos, dando condições para que as questões que envolvem o problema possam ser levantadas a partir de sua própria visão com as suas idéias, lembranças, seu mundo, seus constrangimentos e as pressões vividas.

História Oral

Neste estudo as histórias de vida serão levantadas a partir da história oral, que representará um meio de obter as informações sobre o envolvimento dos adolescentes participantes e a temática abordada.

A História Oral, de acordo com Haguette (1992), é uma técnica recente utilizada na produção de documentos históricos. Ao contrário de outros instrumentos de obtenção de dados utilizados nas ciências humanas, apresenta-se com maior complexidade para se definir com clareza e precisão. Segundo Haguette (1992) é mais fácil descrever a história oral que defini-la. Ressalta a autora que:

Em termos gerais, poder-se-ia dizer que tudo o que é oral gravado e preservado pode ser considerado história oral. Neste sentido, os discursos, as conversas telefônicas, as conferências ou qualquer outro tipo de comunicação humana que pode ser gravada, transcrita e preservada como fonte primária para uso da comunidade científica estaria dentro do rótulo de História Oral [...] Enfim, a utilização da História Oral com técnica de coleta de dados é muito ampla. (pp.92-93)

A utilização da história oral como forma de obter informações sobre o indivíduo é bastante ampla mas deve-se considerar que ela está voltada, naquilo que é fundamental, para compreender aspectos sociais e não acumular evidências fragmentadas que não contribuem com dados já existentes (HAGUETTE, 1992).

Grupo Investigado

O grupo investigado será constituído por nove adolescentes do sexo feminino, atletas de voleibol, pertencentes a equipe infantil do Campinas Volleyball Club – Melhoramentos, dirigido pelo Sr. Marcelo Rubens da Fonseca, e comandado pelo Técnico Sebastião Velardi Júnior. Esta escolha deu-se diante do apontamento da equipe como uma das melhores da região de Campinas na categoria infantil assim como pelo caráter de seu treinamento, que visa a melhor performance possível para a formação de atletas com possibilidades de atingirem o profissionalismo no esporte.

Instrumentação

Os dados necessários para a realização deste estudo serão obtidos utilizando-se entrevista semi-estruturada do tipo biográfica. Este tipo de entrevista representa também a história de vida de cada adolescente, pois as questões serão orientadas de acordo com a sua trajetória histórica e sua relação com o esporte por elas praticado: as atividades corporais na infância e na adolescência antes e depois do esporte e a relação com o próprio corpo. A entrevista biográfica nos permitirá traçar um perfil da história de vida de cada participante, oferecendo recursos para compreender a realidade que envolve o corpo da adolescente e a vivência e prática sistemática do voleibol.

Para a realização das entrevistas será utilizado um gravador devido à técnica da história oral, com o intuito de obter o discurso das adolescentes como registro histórico original, e também para que na análise dos discursos, todas as informações sejam extraídas de forma íntegra.

Coleta dos Dados

As entrevistas terão sempre como local de realização o Ginásio de Esportes do Parque Portugal, conhecido como Parque Taquaral, na cidade de Campinas - SP. Os discursos serão coletados pela pesquisadora e gravados em fitas magnéticas (K7) para maior garantia e precisão das descrições, sendo posteriormente transcritos para melhor manipulação das informações de acordo com os objetivos da pesquisa.

Tratamento dos Dados

Nesta fase do estudo, a história oral de cada participante passou por três etapas antes da elaboração de sua história de vida.

A primeira etapa denominada registro oral, significou a transcrição literal da história oral. A segunda foi o registro cronológico, que se caracterizou pela ordenação das informações obtidas de acordo com as sucessivas etapas da vida dos adolescentes - a infância e o enfoque antes e após a prática sistemática do voleibol. O registro temático foi a terceira e última etapa, constituindo-se pelo

agrupamento das informações em grandes blocos, cronologicamente descontínuos. O registro temático foi caracterizado pela discussão das categorias temáticas individuais apresentadas no quadro temático.

Após o encerramento de todo o procedimento de registro de informações foi iniciada a análise interpretativa da história oral dos participantes, através de um processo interpretativo chamado interacionalismo simbólico. A utilização do interacionalismo simbólico neste estudo de natureza qualitativa permitiu que a pesquisa cumprisse o objetivo de apresentar o sentido social construído pelos indivíduos em suas interações cotidianas (CHIZZOTTI, 1995).

No momento da interpretação dos dados assumimos os seguintes passos, apresentados em ordem de procedimento:

1. foram retirados do registro original (transcrição literária) da história oral, as unidades mais relevantes, mais significativas para o nosso objeto de investigação. A partir do nosso olhar, observamos elementos que tinham sentido para o estudo. Utilizamos um marca-texto para destacar as unidades;

2. sintetizamos as unidades, sem interpretações, considerando o significado dos acontecimentos na vida e no corpo da adolescente, na prática sistemática de voleibol;

3. separamos as unidades mais significativas em categorias temáticas, a serem apresentadas no Quadro Temático. Observamos a frequência dos temas para que eles sejam retirados e classificados em categorias adequadas;

4. analisamos e discutimos as categorias temáticas a partir das relações entre participantes do estudo, pesquisador e referencial teórico. Esta interação representou o olhar do interacionalismo simbólico sobre as relações humanas;

5. buscamos responder nas Considerações Finais, às seguintes questões: "Qual o olhar da adolescente para si mesmo antes da vivência com a prática sistemática do voleibol? O que influenciou as adolescentes na busca da prática sistemática do voleibol? Qual o significado do voleibol na vida das adolescentes? Como hoje a adolescente percebe o seu próprio corpo enquanto mulher e atleta de voleibol?".

IV - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este é o momento da análise e discussão dos resultados obtidos. Inicialmente, apresentamos as trajetórias individuais das participantes sem recorrer à interpretação; posteriormente focalizamos o quadro temático do qual constam categorias temáticas individuais, discutindo-as em seguida, a partir da interação entre as adolescentes participantes, pesquisador e referencial teórico.

Descrição da Trajetória Individual do Corpo Feminino

Neste ponto de discussão apresentamos a trajetória individual das adolescentes que participaram do nosso estudo, numa síntese histórica, desde a infância até o momento atual de prática do voleibol.

Participante 1

Na infância, brincava com esportes (nadava, jogava basquete e futebol) e não gostava de vôlei, talvez por nunca haver experimentado. Brincava sempre com um grupo de meninos e meninas, no clube. Sobre atividades corporais, acreditava que eram diferentes da Educação Física e que não as praticava. Nas aulas de Educação Física desde a quinta série, o professor sempre permitiu que os alunos se abstivessem da prática esportiva em troca de jogos como dama e ping-pong. Quanto a isso, acredita que o professor de Educação Física deveria ensinar um esporte até todo mundo saber e depois mudar para outro, mas deixa claro que pela excessiva liberdade de escolha, os alunos não aderem à prática das atividades físicas oferecidas.

Quanto às atividades corporais na adolescência, gosta de jogar vôlei e futebol, onde sempre obteve sucesso. Além disso, gosta de sair com os amigos para ir ao shopping e ao Taquaral, para conversar e praticar esportes, respectivamente. Estes esportes que acontecem neste parque com os amigos são mais informais, sem compromisso, num âmbito mais recreativo.

A respeito das vantagens de ser adolescente, está contente com a possibilidade de sair e ter liberdade para conhecer pessoas, mas ainda não consegue freqüentar todos os lugares que deseja devido à sua idade. Compara

ainda sua idade com sua altura, dizendo que agora que cresceu conseguiu treinar em um time, coisa que antes não conseguia.

Optou pela prática de voleibol há quatro anos, impulsionada pela companhia de amigas e por acreditar que o vôlei deixa o atleta com um corpo bonito. Acredita estar jogando no melhor time de Campinas e comenta sobre a união que este grupo oferece nos momentos de treino e fora deles também.

Com relação ao próprio corpo, acha que deveria crescer e emagrecer um pouco, além de querer engrossar a perna, por ver isso como um atributo necessário para a beleza feminina. Está segura quanto a gostar do próprio corpo e se vê diferente das outras meninas da escola, com um corpo de atleta, bonito. Vê como jogadora ideal aquela que tem o corpo todo definido por uma grande musculatura, que mede aproximadamente 1,93m e que tem pernas grossas. Seus amigos e familiares, dizem que seu corpo é bonito.

Sente-se incentivada pela família a praticar esportes e optou pelo vôlei também por não ser um esporte de atrito entre os atletas, por haver um respeito do espaço de cada um. Apesar do incentivo, sente que precisaria crescer muito para continuar jogando vôlei profissionalmente, mas que provavelmente não passará dos 1,70m, o que dificultará o prosseguimento de uma carreira no esporte.

Participante 2

Quando criança brincava muito de pega-pega e esconde-esconde, gostava de correr na rua com os amigos e primos. Seu local preferido para as brincadeiras era a casa do avô porque ele lhe fazia companhia nestes momentos.

Não relaciona as atividades corporais feitas na escola com a atividade física regular. Praticava natação quando criança em uma academia e gostava muito de jogar handebol, brincar de queimada, jogar basquete e às vezes, vôlei na escola. Faz aulas de Educação Física até hoje e atribui ao professor a responsabilidade de ensinar exercícios, explicar os jogos (modalidades) e garantir a prática segura deles, sem lesões.

Das atividades corporais na adolescência, ela prefere os esportes (vôlei, handebol e natação) por serem os que aprendeu nas aulas de Educação Física passando a conhecê-los bem. Gosta muito de dançar, dormir, comer e sair para ir à casa de amigos ou ao shopping para andar, ver vitrines e comer doces e sorvetes.

Nas férias vai à praia com os pais e lá gosta de jogar vôlei de areia e nadar, mas sente-se fraca devido a um problema no joelho, no qual já sofreu até uma cirurgia.

A respeito das vantagens de ser adolescente, assegura que tem mais liberdade e que recebe maior confiança por parte da mãe, com quem conversa bastante, além de estar satisfeita com seus primeiros contatos afetivos com meninos. Quanto às desvantagens, sofre uma certa pressão por parte dos pais, que não a deixam sair muito, por ser filha única.

Pratica esportes há sete anos, inclusive tendo competido com a natação. Optou pela prática do vôlei também desde esta época, impulsionada pelos pais que sempre foram envolvidos com esta modalidade (a mãe ainda joga e o pai foi técnico). Optou pelo vôlei também por ser um esporte que garante um bom condicionamento físico. Gosta de jogar no time da Melhoramentos porque encontrou uma turma de amigas que formam uma equipe bastante forte.

Quanto ao seu corpo de mulher adolescente, está satisfeita porque se acha bonita como é. Pensa que o corpo ideal para uma jogadora de vôlei seria o de uma pessoa alta, sem barriga e que corresse muito bem. Relaciona esta atividade com sua dificuldade em correr devido aos problemas no joelho, com súbitas faltas de ar que sente devido à sinusite e rinite que possui, e gostaria de ser mais rápida e sentir menos medo de se atirar ao chão em busca de uma bola nas jogadas, porém seu joelho a impossibilita.

Acredita que as pessoas vêem seu corpo como o de uma atleta e a acham bonita, sendo que ela recebe muitos elogios, que vêm também quanto à prática do vôlei, para a qual é muito incentivada por todos. Sente medo de ter que interromper sua carreira de atleta devido aos seus problemas com o joelho.

Participante 3

Durante a infância brincava, geralmente em sua casa, de amarelinha, elástico, de pular corda, por influência de sua avó que a ensinava com o objetivo de que ela ensinasse no futuro as brincadeiras às outras crianças. Costumava brincar com muitas crianças, mas sempre dentro de casas, tanto a sua quanto a de seus amigos. Na escola, gostava de jogar vôlei, mas também experimentou outros esportes como o futebol e o basquete. Fora da escola praticou apenas ballet, a partir dos dez anos de idade.

Agora que é adolescente gosta de dançar, jogar vôlei e correr, mas não freqüentemente. Gosta de dança por influência da irmã, com quem sai na maioria das vezes que vai realizar esta atividade. Normalmente sua turma se resume às amigas, porque a mãe não gosta muito que saia de casa com rapazes. Quando sai, costuma ir ao shopping e ao cinema com os amigos. Nas férias costuma viajar com os irmãos para a casa dos familiares mais distantes.

Vê como vantagens de ser adolescente a crescente liberdade que vêm adquirindo no relacionamento com sua mãe. Quanto às desvantagens, sente-se ameaçada pelo perigo das drogas e também sente falta de uma maior atenção por parte dos pais, devido ao acúmulo de compromissos que estes possuem.

Nos esportes, optou pela prática do voleibol há quatro anos. Esta opção se deu por conta da admiração que sentia pela seleção brasileira e o fascínio que demonstra diante dos jogos deste time. Gosta do vôlei por ser um esporte mais feminino, sem muito contato físico. Jogar na Melhoramentos é importante por dar a ela um nome com o qual é bem recebida em qualquer teste para seleção de jogadoras, além de oferecer o contato com muitas meninas que se tornaram suas amigas, durante o tempo de treino.

Dá muita importância à sua professora de Educação Física, que a encaminhou para o vôlei, e pensa que a responsabilidade deste profissional é a de levar os alunos a conhecerem modalidades esportivas e terem um maior contato com elas.

Acha seu corpo bonito, porém gostaria de ter coxas mais grossas e menos busto. Compara-se muito com suas amigas e tem esses atributos como definitivos para a beleza feminina. Como atleta, acha que tem um corpo bom e que para ser atleta basta não ser obesa e ter a musculatura bem desenvolvida e forte. É muito incentivada pelos familiares e amigos para a prática do voleibol e sempre que pode os leva para assistir treinos e jogos. Pretende continuar a jogar vôlei e ter esta atividade como uma profissão. Num segundo momento, quer estudar medicina, especialmente pediatria, por sentir necessidade de ter uma outra profissão caso o vôlei dure pouco, e também por querer ajudar nos cuidados com crianças.

Participante 4

Quando criança brincava com seus primos e amigos de pular corda, de casinha, esconde-esconde, pega-pega, além de jogar futebol. Na escola, vivenciou a ginástica olímpica, com a qual teve afinidade por já ter feito ballet. Gosta de dançar, caminhar, sair com os amigos e visitá-los em suas casas, principalmente durante as férias.

Vê como vantagem de ser adolescente a ausência de muita responsabilidade e a oportunidade de ainda ter seus pais para cuidarem de você. Sua única desvantagem é que, por ser filha única, sofre muito com os cuidados dos pais, que se tornam superprotetores.

Começou a praticar esportes nas aulas de Educação Física e com os amigos. Já vivenciou modalidades como a ginástica, o voleibol e o handebol e vê como responsabilidade do professor de Educação Física a introdução da base de todos os esportes para possibilitar que o aluno continue naquele que gostar mais. Optou pela prática do voleibol há quatro anos, por sentir antipatia pelo basquetebol e achar que o vôlei oferecia exatamente o oposto. Hoje o voleibol é sua paixão e jogar na Melhoramentos foi uma forma de conseguir aprender mais e conquistar novas amizades.

Vê seu corpo bem diferente dos das meninas que não praticam esportes e constata que, na adolescência, emagreceu um pouco e seu corpo ganhou mais formas. Para o esporte, acredita que ainda tenha que emagrecer muito e pensa que poderá ter dificuldades por ter as pernas um pouco tortas. Já teve vergonha das pernas e da altura, mas hoje tenta valorizar mais seu corpo porque sabe que ele é sua arma no esporte.

Gostaria de ser ainda mais alta, apesar de ter 1m84cm e também um pouco mais magra alegando que facilitaria sua ascensão na carreira no voleibol. Recebe muito apoio da família para continuar no esporte e pretende chegar a jogar na Seleção Brasileira.

Participante 5

Na infância costumava brincar de pega-pega, esconde-esconde, pular corda e jogar queimada, além de sempre estar correndo e brincando com bonecas, sempre acompanhada de muitos amigos.

Na escola, fazia Educação Física e aprendeu basicamente a fazer alongamentos, tanto que julga obrigação do profissional de Educação Física ensinar estes movimentos. Fora da escola chegou a praticar karatê, mas não continuou.

Agora que é uma adolescente, sai às vezes com os amigos e vai para chácaras, ou à danceterias e aniversários. Nas férias gosta de viajar principalmente para a praia. Sua atividade preferida é jogar vôlei e faz isso há três anos. Começou incentivada pela sua altura e agora gosta muito do esporte. Acredita que jogando na Melhoramentos possa vir a crescer no voleibol, seguindo carreira.

Sente-se diferente das outras adolescentes por praticar esportes por ter uma musculatura mais rígida. Gostaria de engordar um pouco mais, principalmente nas pernas, mas acredita que para o voleibol seu corpo está ideal.

Participante 6

Na infância gostava de jogar queimada, handebol, futebol e brincava com muitos amigos. Na escola, praticava estes esportes e também basquetebol, mas preferia jogar voleibol.

Hoje em dia, gosta muito de caminhar e ir com os amigos ao cinema. Vê como vantagem de ser adolescente a liberdade que adquiriu assim como as amizades com pessoas diferentes. O fato de a mãe estar sempre por perto querendo acompanhar sua vida é tido como uma desvantagem.

Começou a jogar voleibol há aproximadamente 5 anos porque viu um jogo na televisão e pediu ao pai que a levasse a algum lugar onde pudesse treinar. O professor de Educação Física foi importante porque a ensinou os fundamentos do voleibol. Hoje, gosta muito de jogar na Melhoramentos porque lá tem amigas muito alegres.

Quanto ao seu corpo de mulher acha que deveria ter mais bumbum e as pernas mais grossas, porque acha bonito. Depois de começar a praticar vôlei teve

melhoras na musculatura das pernas e da barriga, mas ainda assim gostaria de ser mais alta para jogar melhor.

Participante 7

Na infância brincava com outras crianças de brincadeiras como corre-corre, pega-pega, mas já gostava muito de jogar vôlei, desde os sete anos de idade. Na escola, nas aulas de Educação Física jogava basquetebol e handebol, mas o vôlei era o preferido por todos, inclusive pelo professor que a ensinou todos os fundamentos deste esporte.

Hoje, já adolescente, diz que sua atividade preferida é praticar voleibol, porque não gosta muito de ir a festas e não viaja muito. Divide seu tempo entre sua casa, a escola e o ginásio.

Tem no voleibol o seu sonho de vida, deseja ser jogadora profissional e para isso treina com assiduidade na Melhoramentos, porque acredita que neste time existe a possibilidade de crescer no esporte, além de ser descoberta por outros grandes times e continuar sua carreira.

Apesar de gostar de seu corpo, gostaria de ser mais alta não só para o voleibol mas porque sente-se pequena perto das outras meninas. Vê seu corpo bem diferente dos das meninas que não praticam esportes, não se acha gorda nem magra e apenas gostaria de ser mais alta.

Participante 8

Quando criança gostava de brincar com as amigas de brincadeiras comuns a todas as crianças. Nas aulas de Educação Física na escola, brincava de queimada. Depois da quinta série, passou a aprender esportes como voleibol, futebol, handebol, basquetebol e futsal. Acha a Educação Física essencial na vida das crianças mas seus professores não se preocuparam muito em ensinar todos os fundamentos dos esportes, e ficaram muito presos a apenas algumas modalidades específicas, o que acredita que deveria ser diferente.

Como adolescente, gosta bastante de conversar com as amigas e não sai muito porque os horários da escola não permitem. Quando sai, vai ao shopping e ao

cinema com os amigos e nas férias gosta de fazer tudo o que não dá tempo durante as aulas, inclusive ficar em casa, assistindo televisão.

Começou a jogar voleibol com cinco anos de idade, pretende continuar jogando e fazer do esporte sua profissão. Vê na Melhoramentos uma oportunidade de futuro dentro do esporte, ainda mais por ser acompanhada pelo técnico desta equipe desde o início de sua prática no voleibol. Acha que as mudanças em seu corpo após o esporte e a adolescência o deixaram muito mais bonito e diferente das outras meninas, que são mais gordinhas, flácidas e muito menos fortes e ágeis. Gostaria de ser mais forte para jogar melhor, mas ainda assim gosta muito do seu corpo e acha que as outras pessoas também gostam e acreditam que ela possa ter um futuro no esporte.

Participante 9

Na infância brincava com suas irmãs e colegas do prédio onde morava e da escola onde estudava. Suas brincadeiras preferidas eram as de se fantasiar e se maquiar como uma mulher adulta, além das outras brincadeiras mais comuns de criança como esconde-esconde, pega-pega e bonecas. Fazia atividade física na escola desde os primeiros anos. Na Educação Física jogava pique-bandeira, queimada, speed-ball e praticava esportes como voleibol e handebol. Fora da escola praticou natação, ginástica olímpica e capoeira. Acha que seus professores de Educação Física não foram muito bons porque sempre achou as atividades esportivas de fora da escola melhores que as de dentro.

Hoje em dia gosta de passear e viajar além de sair com os amigos indo ao cinema e à Lagoa do Taquaral. Durante as férias, gosta muito de viajar e ir ao clube para nadar e tomar sol, além de gostar de ler e visitar os parentes. Vê como vantagem de se tornar uma adolescente a possibilidade de começar a sair, de ter namorado e de tomar algumas decisões sozinha. Como desvantagem, sabe que os adolescentes se irritam à toa e que muitas vezes são muito pressionados pelos pais, o que não chega a tanto em seu caso.

Começou a jogar voleibol com oito anos de idade por vontade própria.

Quadro Temático

Categorias Temáticas
1. O brincar na infância
2. O mundo restrito da Educação Física
3. Os dois lados da moeda de ser adolescente
4. A opção por ser atleta de voleibol
5. A vida adolescente fora das quadras de voleibol
6. O sonho de ser atleta profissional
7. O corpo adolescente idealizado enquanto mulher e atleta

Conversando sobre as Categorias Temáticas

Esta seção envolve a análise das trajetórias individuais apresentadas em grupos temáticos estando assim distribuídos: O brincar na infância, O mundo restrito da Educação Física, Os dois lados da moeda de ser adolescente, A opção por ser atleta de voleibol, A vida adolescente fora das quadras de voleibol, O sonho de ser atleta profissional e O corpo adolescente idealizado enquanto mulher e atleta.

O brincar na infância

“A análise do brincar, ou mais especificamente de grupos de brincadeiras, tem sido explorada sob vários aspectos em estudos feitos nas diferentes áreas do conhecimento” (SILVA, 1989, p.9). A correlação entre as brincadeiras comuns às suas infâncias e a formação da imagem corporal que as adolescentes possuem hoje, nos permite compreender de que forma estas vivências infantis são importantes e enriquecedoras na formação destas adolescentes.

Winnicott (1975, p.59-93) coloca o brincar como uma área intermediária de experimentação para a qual contribuem a realidade interna e a externa. Assim, a

criança pode se relacionar com questões internas a ela mas, também, aprender a lidar com situações externas, tendo para isto que considerar-se como um ser no mundo.

Além de ser considerada uma atividade que favorece o crescimento, a saúde e a sociabilidade das crianças, brincar ajuda também na *“formação da identidade, pois, ao mesmo tempo em que o indivíduo postula seu ‘eu’ em relação a um contexto, identifica-se com este, afirmando-o ou negando-o”* (SILVA, 1989, p.14).

Esta identidade que se forma é fruto da capacidade de memorização da criança. Através deste atributo, podemos nos apropriar das brincadeiras que preferimos durante a infância e repeti-las quantas vezes desejarmos, até que consigamos retirar dela o verdadeiro símbolo que possui, o real significado, a mensagem que transmitirá para a formação de nossa personalidade.

Desta forma, consideramos que as brincadeiras influenciam na formação da imagem corporal, possibilitando que a criança conheça suas capacidades motoras, internalize seus movimentos e, principalmente, tenha consciência do significado do seu brincar e do que os brinquedos representam para ela.

Quando questionadas sobre suas atividades na infância, as adolescentes evidenciaram brincadeiras como *esconde-esconde, pega-pega, gato mia, corre-corre, queimada, pular corda, amarelinha, elástico*, e também as brincadeiras com bonecas. Além destas atividades, o esporte foi muito mencionado e exaltado como experiência predileta, principalmente o nadar, jogar voleibol e futebol.

Percebemos que o mundo infantil das participantes na rua, nos momentos de lazer, foi bastante rico em experiências motoras. Daí então, podemos fazer uma análise, a partir de alguns autores, da contribuição destas brincadeiras no desenvolvimento das crianças, hoje adolescentes.

O que estaria inserido por trás destas brincadeiras? Ora, o símbolo, o lúdico, a imagem corporal, a fantasia e a cultura seriam bons exemplos. De acordo com Silva (1989), *“a reflexão sobre os jogos, brincadeiras e brinquedos passa por um olhar da criança na relação com o mundo que a rodeia, ficando claro que ela não faz parte de uma comunidade isolada e sim que está inserida num contexto onde seus jogos, brincadeiras e brinquedos representam um ‘diálogo simbólico’ com o mundo”*. Neste diálogo simbólico estariam inseridas todas as representações das crianças diante das brincadeiras e dos objetos com que brincam. Brincar de esconder-se faz com que percebam o mundo que as circunda, pela necessidade de depositarem um

olhar mais detalhado nos objetos e nos lugares onde pretendem se esconder. Da mesma maneira ocorre com todas as outras atividades, as bonecas ganham vida e são filhas, os primos tornam-se a professora e o aluno e, os cobertores de lã, normalmente usados para aquecer os pequenos no inverno, com um pouco de criatividade que nunca lhes falta, podem transformar-se em cabanas encontradas em meio à grandes florestas.

Podemos tomar o exemplo do *esconde-esconde*¹. O que se percebe nesta brincadeira é o nível de diferenciação da atividade relacionado a faixa etária em que a criança se encontra. Crianças mais novas ao esconder-se ocultam apenas seu rosto, pensando que tapando os próprios olhos, por não ver o *bate-cara*, a criança que procura também não será capaz de enxergá-las. Com o passar dos anos e o desenvolvimento da percepção do próprio corpo e do espaço que ele ocupa, a criança passa a esconder-se parcialmente até atingir a totalidade.

Um dos aspectos que quero destacar aqui é o caráter revelador da imagem do corpo que o *esconde-esconde* evidencia. As crianças mais novas, que possuem uma imagem corporal pouco desenvolvida, não conseguem ocultar-se porque, para tanto, precisam ter um certo nível de consciência do próprio corpo. Porém, o que é mais importante observar é que essa imagem depende fundamentalmente da relação que ela é capaz de estabelecer com os objetos e as outras pessoas. (FREIRE, 1994, p. 53)

Da mesma forma, as outras brincadeiras têm seu significado e relacionam-se com o nível de desenvolvimento psicomotor da criança. O *pega-pega* pode ter várias fases, de acordo com a idade e o comportamento motor de seus participantes. Existe uma etapa onde a criança ainda não coordena sua corrida e por isso prefere ser o *fugitivo* a ser o *pegador*. A partir do momento em que consegue aperfeiçoar-se e aumenta sua velocidade de corrida, é instantânea a mudança de posicionamento e a criança passa a querer ser o *pegador*, para que possa colocar-se diante do grupo como a mais veloz.

Gesell (1993), em seu livro "*A criança dos 5 anos 10 anos*", traça uma trajetória dos brinquedos e brincadeiras preferidos das crianças desta faixa etária. Segundo este autor, a criança de 5 anos ainda não tem as brincadeiras diferenciadas pelo sexo e brincam em conjunto. Tendem a preferir os jogos de construção, utilizando grandes blocos montáveis e tudo o que lhe for apresentado no jardim da infância como colagens, recortes e pinturas. Num olhar

desenvolvimentista, Gesell (1993), afirma que a criança aos 5 anos tem a casa como o lugar mais significativo para si e gosta de representá-la em cabanas feitas entre as poltronas com cobertores, como relata em seu depoimento a Participante 2, que “[...] pegava uma coberta e fazia uma cabana entre os dois sofás.” Brincar de boneca também é muito comum, tanto para as meninas quanto para os meninos, que imitam a família transformando-se em verdadeiras *mamães* e *papais*. Podemos constatar então, a construção dos papéis sociais destinados ao corpo feminino e masculino a partir das brincadeiras infantis. A cultura e a fantasia são fatores determinantes das características dos jogos infantis. A criança brinca seguindo (ou infringindo) as regras sociais da comunidade onde vive. Os brinquedos que a rodeiam são fruto de uma concepção capitalista que transforma a criança em um consumidor em potencial, e nestes objetos estão impressos muitos reflexos de como se deve brincar. Uma possível consideração seria a de que os melhores brinquedos são aqueles que as próprias crianças ajudam a construir, com sucata ou com objetos que estão à sua disposição dentro de casa, na escola ou em qualquer outro lugar onde possa brincar. Através da sua fantasia, da imaginação, o grau de representação que envolve o brinquedo construído pela criança é muito mais significativo para o seu desenvolvimento do que o fato de brincar.

Retomando o processo descrito por Gesell (1993), dos cinco para os seis anos, as atividades pouco se diferenciam. Percebe-se apenas uma divisão um pouco maior entre os dois sexos e as brincadeiras ganham maior amplitude e um caráter predominantemente motor. Dos seis anos em diante, nota-se a paixão por bicicletas, bolas e patins, ainda que as bonecas e soldados não sejam completamente abandonados. *“As crianças dos dois sexos gostam de correr umas atrás das outras, de jogos de corrida, tais como brincar de pegador e de esconde-esconde. Ambos os sexos gostam de patinar, andar de balanço, nadar e fazer habilidades em barras.”* (GESELL, 1993, p. 103).

Aos sete anos a criança normalmente inicia suas coleções (de bonecas, cartões, selos, tampinhas de garrafa, etc.). Com a alfabetização, os recortes, colagens, desenhos e pinturas voltam à tona como atividades principais. A

¹ O *esconde-esconde* consiste em um dos integrantes do grupo fechar os olhos para não enxergar os outros participantes, que deverão se esconder do primeiro; após um certo tempo estipulado pelo *bate-cara* (a criança que espera), este sai para procurar os amigos.

imaginação e representação pertinentes às crianças de cinco anos já não são predominantes tornando as atividades motoras e os esportes muito interessantes.

“A criança de oito anos detesta brincar sozinha. Esteja ela entretendo-se seja com o que for, pretende a companhia de um adulto ou de outra criança e exige destes companheiros não só a presença, mas uma atenção e participação totais.” (GESELL, 1993). Sobre os locais onde preferiam brincar na infância e quais eram suas companhias preferidas, as participantes mostraram que gostavam de brincar *“no clube, porque lá tinha meus amigos, todo mundo da minha idade, ...”* (Participante 1), que tinham muitos amigos como a Participante 4: *“quando eu tinha uns sete anos, eu brincava com mais ou menos umas dez crianças e era variado, não tinha essa história de menino ou menina...”* e ainda que *“geralmente eu brincava em casa porque a minha mãe não deixava eu sair para a rua”* (Participante 3). Após sair da primeira infância e de sua fase egocêntrica, de auto-descobrimto, em que a criança brinca sozinha ou apenas com seus brinquedos, elas passaram a perceber os outros corpos ao seu redor e a relacionarem-se com eles.

Aos nove anos a atividade motora pode deixar de ser uma consequência das brincadeiras e tornar-se um treino, portanto a opção pelos esportes tende a vir nesta idade. Tanto meninos quanto meninas, *brincam de jogar* até encontrarem-se exaustos e completamente suados. O empenho e a facilidade de relacionamento com as outras pessoas pode facilitar a sistematização da prática esportiva e a aprendizagem de um esporte de forma pouco mais formal.

As brincadeiras de infância dependem tanto da faixa etária quanto da sociedade e cultura em que as crianças estão envolvidas. No caso do nosso grupo de atletas adolescentes, percebeu-se a hegemonia da preferência pelo esporte, principalmente por ser a característica comum entre todas as entrevistadas. Quando questionadas sobre o que mais gostavam de fazer quando crianças, a maioria das respostas foi “jogar vôlei”, antes mesmo de brincar de qualquer outra coisa. Talvez, a iniciação precoce influenciada pelo grupo de amigos ou pela família tenha levado a estas respostas, ou simplesmente o esporte teve, e tem, tamanha importância na vida destas meninas, que se tornou a atividade preferida delas e a que mais lhes marcou em toda a sua infância.

O mundo restrito da Educação Física

A atividade corporal na infância é fator determinante para a formação da imagem corporal sendo a principal fonte de sensações e percepções para a criança. É na aula de Educação Física que sistematicamente praticam as atividades físicas. A princípio, esta disciplina escolar deveria oferecer diversos conteúdos que contribuíssem no desenvolvimento global dos alunos.

No que se refere às Participantes, a vivência com a Educação Física foi predominantemente esportiva. Segundo a Participante 9, quando ainda era criança *“eu brincava muito de queimada. Depois que passou da quinta série, começou um pouco de vôlei, futebol, handebol, futebol de salão”*. A Participante 2 afirma que suas aulas de Educação Física são muito boas e que *“o professor normalmente começa aquecendo a gente, alonga direitinho, explica como é o jogo, explica o tempo, fica corrigindo a gente [...] Até hoje ele dá handebol, então ele explica para todo mundo que faz alguma coisa errada, algum passe errado.”*

Sobre a prática de atividades corporais dentro e fora da escola, a Participante 1 relata que não praticava muitos esportes durante as aulas porque o professor oferecia uma modalidade e joguinhos como dama e pingue-pongue; ela diz que *“ele falava: alguém quer jogar basquete? E quem gostava ia, mas eu sempre gostava de ficar ali, no pingue-pongue mesmo”*.

O que fica evidente e pode ser facilmente encontrado nas escolas do ensino fundamental, são professores que evidenciam e baseiam sua ação pedagógica especificamente no esporte, sem apresentar outros conteúdos que possam também contribuir na construção da imagem corporal. E assim, a prática esportiva sistematizada é priorizada em detrimento de atividades expressivas sendo que, muitas vezes os professores não ensinam como praticar as modalidades trazendo algum benefício para o aluno, mas apenas aproveitam o conhecimento e a afinidade que muitos trazem de fora da escola para fazer com que simplesmente *joguem* durante as aulas.

Daolio (1995), em sua pesquisa com professores de Educação Física de escolas públicas de São Paulo, cuja finalidade era identificar a atuação destes profissionais junto à escola, obteve algumas conclusões que vêm de encontro a problemática levantada em nosso estudo:

A prática do profissional do grupo é, portanto, de uma maneira ou de outra, balizada pelo esporte. Alguns professores, explicitamente, colocam que o seu objetivo é ensinar habilidades esportivas a fim de selecionar os melhores alunos para participar das equipes representativas da escola. São os professores que foram - ou ainda são - atletas e se autovalorizam pela obtenção de títulos em campeonatos esportivos com os seus alunos. Todo planejamento é voltado para o esporte. Eles dispõem as modalidades esportivas nos quatro bimestres ao longo do ano e trabalham com seqüências pedagógicas objetivando o ensino de habilidades esportivas. (DAOLIO, 1995, p. 65)

A Participante 2 disse que *“joguei muito handebol, acho que joguei uns dois anos seguidos. Eu brincava muito de queimada, de vez em quando eu fazia basquete também. Vôlei era muito pouco porque não saía quase nada na escola. Jogava mais queimada e handebol.”* Em seguida pergunto-lhe porque o voleibol não saía e ela diz que *“acho que as meninas tinham um pouco de medo da bola e não jogavam com tanta vontade, então não saía muito jogo, aí a professora já dava handebol que todo mundo gostava”*. Neste depoimento pode-se perceber que, na escola desta participante, as aulas de Educação Física tinham atividades diferenciadas entre meninos e meninas e também que, além dos esportes, uma outra atividade (a queimada) era muito usada. Permanece ainda a idéia de que a professora era direcionada pela preferência esportiva que os alunos já possuíam, para planejar suas aulas. Um cronograma pré-estabelecido, parece não fazer parte do cotidiano desta escola, tendo sido ensinada e praticada uma única modalidade (o handebol), durante dois anos consecutivos.

Quanto à importância do professor de Educação Física nas práticas corporais, a Participante 9 revela que *“meus professores não foram muito bons. Não sei se é porque eu fazia desde pequena e já estava acostumada com aquelas brincadeiras básicas, mas é meio fraco comparado com as atividades que eu fazia fora da escola.”* A partir deste depoimento verificamos que os professores não se preocuparam em oportunizar outros conteúdos e, assim, contribuir no aumento das possibilidades de movimento. Observamos ainda que, implicitamente, as crianças que têm a oportunidade de praticar esportes ou somente de brincar fora da escola, trazem consigo maiores conhecimentos se comparados aos da Educação Física escolar.

Segundo Freire (1994):

As atividades da escola não são exatamente as mesmas que as crianças fazem fora dela - as linguagens adquirem então, conotações específicas. E quanto à linguagem corporal, aquela que deve ser trabalhada em Educação Física. (p. 81)

Seria este o papel primordial da Educação Física, ensinar às crianças a linguagem corporal, a melhor forma de entender como o seu corpo se comporta diante dele próprio, do corpo do outro e dos movimentos realizados por eles conjuntamente diante de diversas situações. Para Daolio (1995) *“ao trabalhar diretamente com o corpo dos alunos, o professor interfere na concepção e na representação que os alunos têm do próprio corpo”* (p. 96). Esta concepção não deixa de ser a imagem corporal dos alunos, que fica esquecida no trabalho dos professores, quando apenas se importam com as modalidades esportivas, suas técnicas, suas regras e a performance que será alcançada por seus alunos dentro e fora de suas aulas de esportes.

Percebe-se que, apesar de parecer incorreta, a Educação Física baseada apenas no ensino dos esportes foi componente curricular de todas as atletas entrevistadas. Conclui-se também que muitas delas vêm como essencial a presença do profissional e das aulas de Educação Física na escola, provavelmente por pertencerem a uma minoria que sempre se destacava na prática esportiva durante as aulas. Como último depoimento, fica o da Participante 3, que relata tamanha foi a importância de sua professora em sua trajetória de atleta: *“O professor de Educação Física para mim foi muito importante, porque até os meus dez anos eu estava procurando um esporte para que eu me adaptasse, então a minha professora sempre me incentivava, me levava em times para eu fazer testes [...]”*.

Os dois lados da moeda de ser adolescente

Ao questionar as adolescentes sobre as vantagens e desvantagens da faixa etária em que estão vivendo, foi possível determinar uma linha constante de opiniões sobre o que vem a ser esta fase. As respostas sempre giraram em torno de indecisões, incertezas sobre o bom e o ruim, o certo e o errado. Na verdade, o que se percebe é a quantidade de dúvidas presentes na vida das adolescentes.

A sensação de ter conquistado a liberdade, ou tê-la em vias de apropriação, esteve de forma explícita em alguns relatos: *“Eu acho que eu tenho mais liberdade, minha mãe confia em mim. Começou aquele tempo também de meninos. É muito bom!”* (Participante 2) e *“É que já muda, parece que você tem mais liberdade para sair, tem mais amizades com as outras pessoas”* (Participante 6).

Poder realizar atividades antes proibidas pelos pais ou impostas pela sociedade, como sair à noite e relacionar-se com meninos são novidades vistas como benefícios para as adolescentes que, segundo Aberastury (1981) vivem uma relação de luto pela identidade infantil. Para a autora,

As mudanças psicológicas que se produzem neste período, e que são a correlação de mudanças corporais, levam a uma nova relação com os pais e com o mundo. Isto só é possível quando se elabora, lenta e dolorosamente, o luto pelo corpo de criança e pela relação com os pais da infância. (p. 13)

Este luto pela relação com os pais, muitas vezes, se torna a barreira mais difícil de ser transposta. O adolescente não deseja ser criança, mas ainda não é considerado um adulto. Deste modo, fica complexa a compreensão desta *independência - dependente*. Ao mesmo passo em que ocorrem conquistas e vitórias o indivíduo sente-se ainda sob os cuidados dos pais, dos quais quase sempre recebe todos os subsídios necessários à sua sobrevivência.

Ainda nos referindo à liberdade que os adolescentes desejam conquistar diante de seus pais, mas abordando a possibilidade de ingresso em novos grupos sociais, Campos (1985) afirma que:

Libertar-se dos laços afetivos e de dependência da família, para ingressar em outros grupos, constitui fonte de grandes apreensões, porque a certeza da segurança e apoio encontrados no lar vai ser abalada pela insegurança da integração em outros grupos, onde precisa conquistar seu 'status'. (p. 57)

Na verdade, pode-se verificar que esta liberdade é condicional e gradualmente conquistada e que ainda pode-se encontrar respostas a esse *status* alcançado. Para posicionar-se avesso às condições em que se encontra em família, onde ainda é apenas uma criança, o adolescente tende a ter mudanças repentinas de humor, a se isolar quando se encontra dentro de casa e a evitar o contato social acompanhado pelos familiares.

A realidade das participantes é, de certa forma, diferenciada no que se refere ao contato com os pais e familiares. Um exemplo claro é o depoimento da Participante 1 que relata: "*eu falo mais com a minha mãe, meu pai trabalha muito e não fica muito em casa, mas tudo o que acontece comigo eu conto para minha mãe, o que eu fiz no dia, o que aconteceu comigo*". Porém, ainda com o apoio e diálogo aproximado dos pais, as adolescentes tendem a unirem-se a novos grupos, formados pelas amigas. No lazer, a companhia predileta passa a ser a dos amigos como afirma a Participante 2, "*Eu vou à casa dos meus amigos [...] e aí a gente*

combina de ir ao shopping". Outras adolescentes atletas integrantes do time também passam a fazer parte do círculo de amizades. Para a Participante 3, *"todas as meninas são minhas amigas, não tenho problema com falsidade, [...] com confusão e brigas dentro do time. [...] aqui a gente se ajuda"* .

Neste momento se instala a insegurança a que se referia Campos (1985). O adolescente deve procurar pessoas da mesma faixa etária, que estejam passando por situações semelhantes, que convivam em seu meio (escola, clube) para que assim possa estabelecer relações de troca e sentir-se amparado em não ser o único a sofrer o mesmo tipo de condições.

Sua necessidade de se identificar com os outros é tão grande, que procura encontrar os grupos sem a ajuda dos adultos, e, até, sem a aprovação deles mesmos. (CAMPOS, 1985, p. 57)

Para as adolescentes, o grupo de amigos significa mais do que pessoas com características comuns. Representa a mesma identidade frente a valores que estão sendo adquiridos e devem ser questionados a todo o momento. Nesta fase, fica claro que elas estão propensas a seguir todo tipo de modismo, de tendência, simplesmente para obter a aprovação do grupo. A participante 1 relata ter se iniciado na prática de voleibol por intermédio das amigas. *"Eu via todas as minhas amigas jogando [...] eu gosto muito de jogar vôlei e, a maioria das minhas amigas joga"*.

Um outro fator ressaltado nos discursos é a possibilidade das participantes começarem a se relacionarem com meninos. Foi relatado como vantagem de ser adolescente a oportunidade de *"começar a sair, começar a ter namorado, poder tomar umas decisões sozinha, começar a ser gente grande"* (Participante 9). Esta questão está diretamente relacionada ao período no qual as adolescentes estão vivendo, uma fase de descobertas do próprio corpo, de identificação com o próprio sexo e, principalmente, com o sexo oposto. Percebemos nesta faixa etária a grande incidência do início de relacionamentos interpessoais mais íntimos, pela necessidade de descobrir como está se comportando o sexo oposto neste momento e quais são as novidades que estes corpos podem lhes proporcionar.

O relacionamento com pessoas do sexo oposto faz parte da maturação sexual que caracteriza a adolescência. O diálogo com os pais, no caso das participantes, principalmente com as mães, torna-se o elo de ligação e o meio de esclarecer dúvidas sobre este novo mundo que vai sendo descoberto. As meninas

têm em suas amigas, fortes aliadas, devido à grande identificação do momento semelhante que vivem, mas a intervenção cuidadosa da mãe tende a ser uma forma de conhecimento mútuo, além de poupar as adolescentes de possíveis traumas psicológicos que ocorriam diante da falta de habilidade para resolver alguns problemas, simplesmente por inexperiência.

Neste âmbito, Tavares (2003) faz uma consideração a respeito da construção da imagem corporal a partir do contato com o mundo externo. Temos interesse pelo nosso corpo e pelo corpo de outras pessoas e portanto, é importante perceber o interesse dos outros pelo nosso corpo através de ações, palavras ou atitudes principalmente nesta faixa etária, que considera tanto a aceitação do grupo.

As participantes fazem parte de um grupo seletivo. Todas moram com os pais e estudam, além de ainda terem a vantagem de não precisarem trabalhar para se sustentarem. Osório (1991), trata deste assunto da seguinte forma:

Quando estamos falando de adolescentes, na verdade apenas estamos considerando os jovens cuja preocupação com a sobrevivência imediata é secundária. Quem sabe incorrendo em certo exagero poder-se já dizer que a adolescência é um privilégio das classes mais abastadas. (p. 21)

A Participante 4 pensa que:

Vantagens... não ter muita responsabilidade e acho que você tem que aproveitar enquanto você tem alguém para cuidar de você, porque depois que você fica adulto, você fica mais responsável pelos seus atos, por tudo o que você faz. Tudo bem que na adolescência tem muita responsabilidade, mas trabalhar cedo, já, não, ainda dá para curtir os pais porque depois que fica adulto, aí fica duro.

Eis então um ponto onde inicia uma série de confusões nas opiniões das adolescentes. Ao mesmo tempo, elas têm a certeza de que esta fase é preliminar à saída da casa dos pais, e que devem se aproveitar desta situação privilegiada, tanto financeira quanto afetiva o maior tempo possível, pois juntamente com a liberdade vêm as responsabilidades da vida adulta. Algumas delas, assim como a Participante 4, acreditam que ainda seja cedo para trabalhar e preocupam-se apenas em estudar e freqüentar os treinos de voleibol. Essa realidade pode deixar transparecer que, o sonho comum a todas, que é o de seguir uma carreira no esporte de alto rendimento e chegar a grandes times como a Seleção Brasileira, pode ser uma transferência da opção vocacional que normalmente se dá por volta desta idade. Ao contrário dos adolescentes não-atletas que se preocupam com suas diversas oportunidades de profissões, elas têm em mente a possibilidade de seguir fazendo aquilo que mais

gostam, o esporte, sendo que se atingido o alto nível, juntamente com as vitórias virão fartas remunerações.

Portanto não seria uma atitude coerente mencionar que os pais não lhes dão subsídio e apoio para seguirem rumo a este sonho. Eles as mantêm, as sustentam e permitem que elas estejam livres da necessidade de trabalharem e possam continuar dedicadas à realização do próprio sonho. Na realidade, o principal problema constitui-se no fato delas serem adolescentes e precisarem encontrar sua identidade sem a ajuda dos pais. Em consequência a esta negação, e àquele luto a que se referia Aberastury (1981), as adolescentes não são favoráveis à quantidade de cuidados dos pais. A Participante 4 relata que *“desvantagem é que os pais ficam muito no pé, ainda mais eu que sou filha única, eles ficam muito corujas, não me deixam fazer nada, não me deixam sair, tem que ir sempre alguém junto comigo...”* e a Participante 2 revela que *“De vez em quando têm por eu ser filha única. Às vezes, minha mãe não deixa eu ir em algum lugar porque ela tem muito medo que aconteça alguma coisa comigo...”*.

Ao mesmo tempo, diante do mesmo questionamento sobre *as vantagens e desvantagens de ser adolescente*, a participante 3 responde:

Eu acho que na adolescência tem que ter cabeça, porque primeiro vêm àquelas oportunidades horrorosas, aquelas pessoas que se dizem amigas, mas não são. [...] uma vez eu estava com a minha turma, com os meus vizinho, e chegou um moleque que eu nunca vi, que tinha se mudado para minha rua há uns três dias atrás, chegou para a gente e conversou com a gente normal. E, de repente, ele ofereceu droga para nós. Eu simplesmente saí da minha roda e fui para casa.

Então, ainda sob o questionamento anterior, a mesma participante responde: *“Como meu irmão tem 13 e eu tenho 14, a gente perde o paparico da mãe. A gente não fica mais em casa e sente falta dela [...], a gente sente muita falta de colo, de cafuné, de histórias, essas coisas.”*

Duas respostas diferentes à mesma pergunta, dadas pela mesma adolescente. Ao mesmo tempo ela afirma sentir medo por ter passado por situações onde lhe foram oferecidas drogas por um menino, um novo morador de sua rua, que a abordou como um amigo. Em seguida, reclama da falta de carinho da mãe, porque seus horários e compromissos já não são os mesmos e elas não têm mais o contato que tinham antes.

Fica simples perceber porque a adolescência é tida como a fase complicada de nossas vidas. Passamos por um período onde perdemos boa parte de nossos

referenciais, sentimos a necessidade de reconstruí-los e ainda temos que lidar com fatores externos como o tráfico de drogas, a violência, a pressão dos pais, a escola, a opção profissional... As atletas parecem certas ao dizer que sua atividade preferida é jogar voleibol... Na quadra elas podem esquecer seus problemas e liberar as tensões no ataque à bola.

A opção por ser atleta de voleibol

Uma das preocupações iniciais deste estudo foi a de diagnosticar se a Educação Física teria sido um fator determinante na opção das atletas pelo voleibol. De fato, todas as adolescentes freqüentaram e ainda freqüentam as aulas de Educação Física na escola. Porém, a conclusão obtida foi um pouco diferente da esperada. Nem todas aprenderam a jogar voleibol na escola; algumas nem tiveram uma iniciação neste esporte nas aulas de Educação Física e contribuíram com relatos interessantes sobre as aulas que tinham na escola.

Portanto, surge a indagação: o que levaria uma adolescente a optar pela prática sistemática do voleibol? As participantes relatam que realizaram sua escolha bem cedo, chegando à realidade da Participante 8, que já pratica o esporte há 8 anos.

Dentre os principais motivos que levaram as participantes a optarem pelo voleibol encontramos alguns aspectos que podem ser agrupados da seguinte maneira: a influência dos familiares e amigos na escolha, as aptidões físicas e a busca de um corpo bonito e saudável. Evidentemente nenhuma criança começa a praticar um esporte porque procura um bom condicionamento físico pois nesta faixa etária ainda não existe esta preocupação. Outros fatores influenciaram a opção das participantes que reforçam: *“minha mãe jogava até se casar com o meu pai, depois ela abandonou e eu comecei a jogar por vontade dela, mas daí eu gostei”* (Participante 7); *“minha mãe joga vôlei, meu pai foi técnico, então já tem uma influência. Minha mãe joga até hoje.”* (Participante 2) e ainda reforçando o apoio dos pais, a Participante 9 diz: *“meus pais me ajudam muito”*.

Partindo destes depoimentos, concluímos que muitas vezes as adolescentes optam pelo voleibol não por este ser seu esporte favorito, mesmo porque elas ainda não o conhecem profundamente, mas sim por serem utilizadas como ferramentas na realização de sonhos de adolescência frustrados de seus pais. As mães, que

provavelmente sonharam em serem atletas profissionais, mas foram impedidas pelo preconceito existente em sua juventude, transferem o desejo e a necessidade de realização para as filhas. Rodrigues (1984) diz que *“É comum vermos pais estimularem os filhos a competir para que realizem algum sonho inalcançado pelos mesmos”* (p. 9). O que acontece na maioria dos casos é que as adolescentes passam a gostar da prática e absorvem o sonho da mãe.

Crianças e jovens que praticam ativamente esporte de rendimento num clube esportivo, têm pais que em sua maioria praticaram esporte de rendimento na infância.

A maioria dos pais apoiam ativamente as atividades esportivas de seus filhos. O apoio familiar abrange as seguintes atividades: ajuda financeira, coordenação das atividades familiares com as atividades do treinamento e competição e apoio emocional durante a competição.

Um apoio exagerado e uma participação emocional exagerada por parte dos pais, pode causar efeitos negativos no desenvolvimento da personalidade da criança, como: ambições exageradas dos pais, **pressão de sucesso**, cobrança de rendimento e **pressão social**. (SAMULKI, 1995, p. 86)

Tal idéia nos alerta para o fato de que o apoio dos pais e da família pode ter um caráter opressor, poderia agir como uma oportunidade de cobrança. Em contrapartida, temos a opinião da Participante 2, que recebe o apoio da família e dos amigos e, de forma alguma, se sente oprimida e cobrada:

Todos me dão a maior força, falam que é para eu praticar esporte enquanto eu sou adolescente porque conforme vão passando os anos, você vai ficando com uma idade avançada. Muitos não têm a possibilidade de jogar, de estar praticando esporte. Então, eles me apoiam demais, enquanto eu estou neste período que eu posso jogar vôlei, que eu posso fazer esporte. Eles falam: ‘faça tudo o que você tem direito, faça tudo o que você quiser, o esporte que você quiser para ficar feliz’.

As mães têm papel primordial na formação da imagem corporal de suas filhas. Segundo Tavares (2003), uma qualidade importante da mãe é possuir flexibilidade para lidar com o seu desejo, por um lado, e a realidade do filho, por outro. Desde o nascimento do bebê, a mãe sofre com a imposição de padrões sociais de como deverá ser o seu filho. Saber ser flexível para proporcionar a maior quantidade de experiências vivenciais possível para sua criança é característica primordial da mãe que garantirá o desenvolvimento da imagem corporal de seu filho.

As amigas constituem um grande grupo formador de opiniões. No caso da Participante 1, elas tiveram papel crucial na opção e na manutenção da prática esportiva: *“Eu via todas as minhas amigas jogando. Eu ia parar, mas aí eu pensei: não, eu gosto muito de jogar, eu acho que é importante porque deixa a gente com um corpo bonito e eu gosto muito de jogar vôlei e, a maioria das minhas amigas*

jogam". Seu depoimento é circular e percorre entre a amizade e a suposta importância do esporte no que se refere aos cuidados com o corpo. Para a adolescente é tão importante a companhia e a aprovação das amigas em suas atividades, quanto a boa forma física obtida através do treinamento no esporte.

Sobre as modificações proporcionadas pelo treino no corpo, a Participante 2 diz que *"o atleta também tem que correr bastante, tem que alongar bastante, eu acho isso muito bom e ajuda até a manter a forma"* e em seguida comenta que *"eu acho que estou correndo o risco de ter que parar de jogar vôlei por causa do joelho, pois já operei, fiz muita fisioterapia, alongo bastante, coloco muito gelo e continua doendo. Eu acho que vou ter que parar."* Neste caso, a adolescente tem consciência de que o esporte poderia ter lhe trazido benefícios mas, pela precocidade da iniciação à prática, por excesso de treinamento, pela instabilidade muscular e articular ou por todos esses motivos combinados, a sua atividade favorita pode estar ameaçada por esta dificuldade adquirida.

Em contrapartida temos o relato da Participante 8:

Eu comecei a jogar vôlei por recomendação do médico porque eu não fazia nenhum exercício e precisava disso para melhorar minha saúde. Comecei a fazer e hoje não paro mais. Começou como obrigação e hoje é uma das coisas que eu gosto muito. Eu pretendo seguir o voleibol na minha carreira, e também é um exercício físico muito bom, não deixa a gente parada, é bom em todos os sentidos.

Para esta adolescente a prática de voleibol tem um valor diferenciado. O esporte lhe proporcionou melhoras em sua saúde e ainda lhe abriu uma oportunidade de realização profissional, caso ela consiga seguir na carreira esportiva.

Percebemos ainda uma preocupação por parte da Participante 3 em optar por um esporte mais feminino, menos violento. Segundo ela:

No vôlei você pode se movimentar, você pode cair, correr, eu sei que nos outros esportes você também pode fazer isso, mas no vôlei é tudo mais diferente. O vôlei é mais feminino. Não é um esporte muito rigoroso, muito violento. Tem que ter um pouco mais de delicadeza. Se você for jogar futebol, já tem que chegar empurrando, dando ombrada. O basquete então, nem se fala, já chega dando soco.

Outro fator de influência sobre a opção pelo voleibol é talvez um dos mais fortes, o grande poder que a mídia exerce sobre as adolescentes. Nos últimos anos temos assistido cada vez mais jogos na televisão e o investimento em propaganda e marketing nesta área é cada vez maior. Estas informações mudam o perfil da

preferência por determinados esportes de um momento a outro, como podemos perceber mais recentemente no caso do tênis, que têm atletas brasileiros encabeçando o ranking mundial.

Com o voleibol aconteceu o mesmo. Nas últimas olimpíadas e campeonatos mundiais ambas as seleções, tanto a masculina quanto a feminina, têm se sagrado campeãs ou ocupado os primeiros lugares. Todas as notícias a respeito têm caráter persuasivo sobre as adolescentes. Neste sentido podemos observar o depoimento da Participante 3: *“Eu sempre segui a Seleção Brasileira pela televisão, quando eu tive a oportunidade de jogar em um campeonato [...] foi que eu percebi que o que eu gostava mesmo era do vôlei. Daí eu procurei times para jogar[...]”*; o depoimento da Participante 2: *“É um esporte que tem equipe na Seleção Brasileira, tem masculino, tem feminino, o pessoal todo jogando na quadra, todos caindo para buscar a bola, correndo, atacando. Acho muito lindo o vôlei”* e ainda para complementar *“Eu adoro, acho que é um esporte interessante, eu adoro ver na televisão. A primeira vez que eu vi na televisão eu já falei para o meu pai que eu queria treinar vôlei.”*

A vida adolescente fora das quadras de voleibol

Uma das inquietações foi a de saber quanto do seu tempo as adolescentes dedicam à prática esportiva. Na maioria dos casos, elas apenas estudam e freqüentam os treinos, sendo que algumas delas praticam outro tipo de esporte fora da equipe.

O lazer do adolescente, assim como todo o seu comportamento, tende a adquirir um caráter diferenciado com o passar do tempo. Quando questionadas sobre qual seria sua atividade preferida, mesmo ressaltando o fato da resposta não ter a necessidade de ser voltada ao esporte, 8 das 9 entrevistadas se referiram ao voleibol.

Além deste esporte outras atividades relacionadas ao movimento corporal foram ressaltadas, como o futebol, a corrida, as caminhadas e a dança. Uma resposta comum a duas adolescentes foi a de gostarem de ir ao Parque Taquaral, que além de ser o local onde treinam na maioria das vezes, ainda serve como espaço de lazer onde elas praticam esportes de uma forma descompromissada, com seus amigos. As participantes afirmam: *“Eu gosto de ir ao cinema, [...] ia à Lagoa do*

Taquaral ou no clube” (Participante 9) e *“Eu gosto do shopping e de vir para cá, para o Taquaral.”* (Participante 1).

Dançar também foi uma das atividades mais contempladas. Algumas adolescentes dizem que não freqüentam muitos lugares como danceterias porque ainda não têm idade suficiente para entrarem ou porque as mães ficam inseguras em deixa-las irem sozinhas a estes lugares.

Neste caso fica explícita a importância dos irmãos mais velhos e dos amigos mais próximos, conhecidos pela família e, portanto mais dignos de confiança.

Dança eu aprendi a gostar por causa da minha irmã, que adora. [...] geralmente a turma é só de meninas porque minha mãe não gosta que eu saia de casa com meninos, aí eu posso convidar alguns que minha mãe conheça a família, mas meninos estranhos, eu não posso, minha mãe não gosta que eu saia. Eu posso encontrar meninos nos lugares para onde eu vou, mas sair de casa eu não posso. [...] algumas vezes eu fui com a minha irmã no Alles Bier² e só. (Participante 3)

A partir deste depoimento pode-se fazer algumas análises, em primeiro lugar é traço comum na adolescência ser influenciado pelos atos e ações dos amigos mais velhos, neste caso representados pela irmã, que acompanha a adolescente à danceteria. A situação pode ter provocado a vontade na adolescente de dançar como sendo uma condição para que pudesse acompanhar a irmã e assim freqüentar novos ambientes e fazer novos amigos. O fato de não poder sair de casa acompanhada por meninos também não deixa de ser comum, devido à preocupação das mães com a violência urbana, assunto que já foi comentado.

Paralelamente ao desenvolvimento físico interno e externo, ocorrem **modificações também a nível social**. O grupo de amigos tende a aumentar em importância (para desespero de muitos pais) e a tendência à imitação acentua-se novamente (a mídia aproveita muito bem essas tendências da idade). Assim, a forma de vestir, de falar, de agir, até mesmo os gostos tendem a ser muito influenciados pelo grupo. Temem não serem aceitos e valorizados pelos amigos e, portanto, procuram agir de acordo com o que faz a maioria. (ZAGURY, 1996, p.25)

Algumas curiosidades surgiram nas respostas sobre as atividades preferidas no tempo livre. A maioria das adolescentes freqüenta shoppings e cinemas e entre elas existem as que preferem ficar em casa, comer, assistir televisão e dormir. Os shoppings a muito tempo perderam seu caráter exclusivo de local destinado às compras. A partir do momento em que cinemas e praças de alimentação e diversão começaram a fazer parte deste espaço, este adquiriu uma outra faceta destinada ao

lazer. Os adolescentes transformaram os shoppings em seus guetos. É neste local que eles podem passear com os amigos, conversar, descobrir quais são as tendências da moda a qual devem seguir por imposição do grupo, ir ao cinema e comer.

Aliás, quanto a comer e dormir, quando vistas por adultos estas atividades muitas vezes não são consideradas como lazer. Zagury (1996) diz a respeito que: *“Comer, dormir, ‘ficar pensando’ são coisas que nós, com o passar do tempo e as atribuições e responsabilidades da vida adulta, perdemos a capacidade de sentir e valorizar”* (p. 86).

Todas estas atividades somadas e combinadas entre si, dão às adolescentes entrevistadas a oportunidade de crescerem em ambientes saudáveis em todos os sentidos. Porém, nem todas se comprometem da mesma forma com o lazer: *“Eu não vou em danceteria, essas coisas; eu não sou chegada nesse tipo de coisa. Minha vida é praticamente o vôlei, só quadra, só vendo essas coisas”* (Participante 7).

Então se encontra o perigo do sonho de ser atleta invadir e tomar por completo a vida do adolescente. Nenhuma atividade pode ser única na vida de uma pessoa, é necessário que se desenvolva outras habilidades, outros prazeres. O grande risco é o da frustração, se o sonho não se torna realidade, a adolescência e as oportunidades de aproveitar esta fase foram desperdiçadas. Fica então um aviso para os pais, que devem estar atentos também ao lazer de seus filhos nesta faixa etária:

Muito embora agora o grupo tenha grande influência, os ensinamentos, as sementes que os pais plantaram, com bastante probabilidade, irão frutificar. O que temos a fazer é confiar no que já fizemos. (ZAGURY, 1996, p. 81)

O sonho de ser atleta profissional

As Participantes 3, 7,8 e 9 afirmaram o sonho de ser atleta profissional nos seguintes relatos: *“Pretendo seguir carreira e, além do vôlei eu quero me formar em medicina, principalmente na parte de pediatria, adoro mexer com criança. Eu acho que se um dia o vôlei não der certo eu já vou ter uma profissão, uma faculdade e aí eu já posso tentar outra carreira, ser uma doutora”* (Participante 3). Podemos perceber que apesar do desejo de prosseguir e ingressar no voleibol

² Alles Bier Cervejaria: casa noturna situada na cidade de Campinas, no distrito de Souzas.

profissionalmente, esta adolescente sente-se dividida entre duas opções bem distintas. Uma possível conclusão a respeito desta dúvida é a de que a profissão de atleta, apesar de ter sido fonte de altos salários e formadora de fortunas, é um campo restrito destinado a uma pequena elite. A participante tem a consciência das dificuldades que deverá encontrar e para tanto tenta refugiar-se em uma profissão de caráter mais formal, tradicionalmente incorporada como fonte segura de renda e sucesso. A expressão “*ser uma doutora*” culturalmente tem um significado muito mais expressivo do que a “*ser uma atleta*”.

Quando o desejo vem de um sonho de criança e é interpretado como uma vocação, não existe como fazer com que uma adolescente mude de opinião: “*Eu gosto muito. É uma coisa que eu quero, ser jogadora. Eu sonho muito com isso, por isso que eu jogo*” (Participante 7); outras já têm uma visão mais profissional: “[...] *Eu pretendo seguir o voleibol na minha carreira*” (Participante 8) e “[...] *vontade de ser jogadora [...]. Já é um pouco profissional [...] a gente vê um futuro, tem federação responsabilidade, tem sempre treino no dia certo e jogos, é muito bom participar de campeonatos regionais*” (Participante 9).

A respeito da motivação que leva as adolescentes a pretenderem continuar jogando voleibol e atingirem times de alto rendimento, De Marco e Junqueira (1995) afirmam que:

[...] é melhor crianças e adultos estarem internamente motivados, ao invés de precisarem de algum tipo de recompensa externa, quando se empenham em qualquer tarefa. As crianças motivadas intrinsecamente têm mais probabilidade de serem persistentes, de apresentarem níveis de desempenho mais altos e de realizarem mais tarefas do que as que requerem reforçadores externos.

Uma opinião diferenciada pôde ser encontrada no discurso da Participante 1: “[...] *eu acho que isso nem sou eu que tenho que escolher, mas eu acho que eu não ia dar muito certo porque eu não sou aquelas coisas, eu teria que crescer muito e eu nem vou crescer muito mais, não vou passar de 1,70m.*”. Neste momento encontramos um aspecto que relaciona algumas possibilidades: por possuir um modelo de atleta ideal, quase sempre as pertencentes a grandes clubes e à Seleção Brasileira, as adolescentes determinam um padrão de corpo e performance que muitas vezes não poderá ser alcançado por elas, por mais que se esforcem, por questões biológicas e até mesmo genéticas. Neste depoimento citado, percebemos

claramente que a adolescente se subestima dizendo “*eu não sou aquelas coisas*” para poder refugiar-se da frustração de não se tornar atleta profissional.

Porém esta é apenas uma das muitas perspectivas possíveis. Provavelmente, muitas atletas adolescentes não continuam jogando voleibol até alcançarem o profissionalismo, por encontrarem suas verdadeiras vocações. Então a vivência esportiva que tiveram mereceria um lugar de destaque, não apenas como um sonho fracassado, mas sim como uma aprendizagem, um desenvolvimento que não é comum a todos.

O corpo adolescente idealizado enquanto mulher e atleta.

Qual a imagem que as atletas adolescentes têm construído de seus próprios corpos? Diante deste questionamento, poderíamos nos posicionar diante de dois temas: a imagem da adolescente enquanto mulher e também como atleta.

A puberdade acarreta uma série de mudanças ao organismo da criança, que então se torna púbere (ou adolescente), até atingir o estado adulto. Estas mudanças iniciam com o aparecimento gradual dos caracteres sexuais secundários (pelos nas regiões genitais e axilares, crescimento das glândulas mamárias, aumento do diâmetro dos quadris, coxas) enfim, ocorre a transformação do corpo de criança num corpo de mulher.

Esta nova conformação do corpo passa por um período de aceitação e auto reconhecimento. Assim como quando era bebê e aprendeu a identificar sua imagem no espelho e a perceber que a mão na extremidade do braço era de sua propriedade, agora, depois de crescida, a adolescente precisa considerar seu reflexo no espelho como sendo sua nova imagem, não mais a de uma criança, mas sim de uma mulher, prestes a assumir as responsabilidades de um corpo adulto.

As mudanças foram bem aceitas no caso das Participantes, *“eu acho que o meu corpo ficou mais legal, apesar de algumas mudanças chatas, [...] a menstruação que começou quando eu tinha dez anos. Mas eu cresci mais, me desenvolvi e estou gostando”* (Participante 8). Aparentemente, a boa aceitação deve-se ao fato de que, juntamente com a menarca vem um dos últimos estirões de crescimento da menina, o que para estas atletas é visto como a última oportunidade de atingir as tão almeçadas estaturas semelhantes as das atletas de alto nível.

Como estas adolescentes lidam com a realidade de pertencerem a uma *elite* de corpos diferenciados pela forma atlética? Esta questão continua possuindo uma solução complexa mesmo após entrevistá-las e relacionar suas realidades a um abrangente referencial teórico. Porém, diante de alguns depoimentos podemos extrair algumas possibilidades de olhares sobre a percepção corporal da adolescente atleta.

Percebemos a insatisfação com relação a algumas partes do corpo nos relatos das Participantes 1, 3, 4, 5, 6, 7 e 9. Elas manifestaram tal descontentamento lamentando-se de pernas finas, do tamanho dos seios e, principalmente, do peso e da altura, que parecem nunca satisfazerem o ideal. Segundo Iwanowicz (1994), este descontentamento é baseado nos padrões, nas metas que nos são impostas durante toda a vida e afirma que *“somos aceitos, temos amigos e parceiros, fazemos tudo que os outros fazem, só que não nos sentimos felizes e satisfeitos”* (p. 71). A Participante 1 relata que *“acho que eu ainda precisava melhorar um pouco, eu queria crescer um pouco mais, emagrecer um pouco, mas ao mesmo tempo engrossar minha perna porque eu acho que é o que faz a diferença [...]”*, a Participante 3 reforça esta opinião dizendo que *“eu gostaria de ter as pernas mais grossas porque a minha é muito fininha”* e a Participante 5, que por ser bastante alta e magra afirma que *“[...] só engordar mais, só engrossar as coxas, só”*.

Estas comparações são apoiadas na admiração destas adolescentes pelas jogadoras de grandes clubes e da Seleção Brasileira de Voleibol. O fácil acesso à imagem através da mídia, que se aproveita do corpo belo como arma no marketing esportivo, faz com que as grandes jogadoras pertencentes a estes times sejam adotadas como verdadeiros símbolos, padrões de beleza e performance que, na maioria das vezes, ainda não podem ser alcançados pelas adolescentes. Quando impossíveis de serem obtidos, esses padrões tornam-se atributos de frustração. A Participante 4 confirma dizendo: *“Eu acho que, para o voleibol, eu ainda tenho que emagrecer muito, porque eu acho que o meu corpo ainda não está na estatura normal [...]”*.

Qual seria a estatura *normal* para uma adolescente? Este padrão é biológica e culturalmente moldado, sendo particular a cada indivíduo. O caso da Participante 4 mostra-se bastante diferenciado. Ela tem 14 anos de idade, 1m84cm de altura e 85 Kg. Tem a estatura que toda adolescente que pretende seguir a carreira profissional do voleibol desejaria ter, porém está descontente com seu peso

e chega até a exprimir seu desejo de ser ainda mais alta: “*eu queria ser um pouquinho mais alta, apesar de ser um pouco constrangedor [...]*”. É interessante perceber que estas atletas tão jovens estão dispostas a qualquer esforço e constrangimento para atingirem seu sonho profissional.

Iwanowicz (1994, p. 70) remete-se a este tema dizendo que nossos corpos tornam-se escravos da moda vigente e que a imagem cultural estabelece “qual é o corpo bonito e qual é o feio”. Segundo esta autora “estamos moldando o nosso corpo conforme os esquemas culturais de beleza” e isso já aconteceu no passado e permanece sendo repetido até hoje. No caso de nossas atletas a moda é ditada pelo marketing esportivo, devem utilizar roupas e calçados esportivos pertencentes a uma marca específica porque a atleta com quem sonham ser parecidas um dia, usa estas mesmas roupas.

O fator agravante não se remete unicamente ao uso de roupas ou acessórios de determinadas marcas, que influenciariam na mudança da imagem das atletas adolescentes. O principal problema percebido é o de que além dos trajes, elas pretendem adequar seus corpos aos padrões que adotaram por terem as atletas de alto nível como ídolos, verdadeiros mitos. Este fato pode ser comparado aos rituais de iniciação à vida adulta de muitas tribos indígenas, os corpos das crianças são marcados, tatuados ou queimados, para que carreguem cicatrizes por toda a vida, sendo possível recordarem desta fase vivida na transição de uma faixa etária a outra.

Nossas adolescentes atletas não estão tatuando nem marcando seus corpos com cicatrizes, apenas estão condicionando-se aos padrões de imagem que recebem pela televisão, nos comerciais e nos jogos. Pretendem ser mais altas, mais magras, mais fortes. Por quê? Para ingressarem para a vida adulta com mais probabilidade de sucesso na carreira profissional que almejam e serem reconhecidamente bonitas, diante da cultura em que vivem.

É importante descobrir nosso corpo, senti-lo, conhecê-lo, em seu poder, sua força, para através desse corpo conhecido, consciente, ter um contato com a realidade, um contato verdadeiro e não neurótico, desfigurado, que nos afaste de nós mesmos. Uma pessoa vivendo conforme a imagem corporal desfigurada do próprio corpo perde o contato objetivo com seu meio e cria vários focos de conflitos internos. (IWANOWICZ, 1994, p. 74)

Acreditamos ser necessário preparar atletas adolescentes para que não se perturbem diante da realidade ilusória que se apresenta em forma de imagens na

televisão. É muito importante educar para que possam agir dentro das suas possibilidades, para que percebam seu próprio corpo como realmente são e não como deveriam ser. Se ocorrer deste modo, jamais estarão contentes, por nunca julgarem-se completos, plenos. Sempre estarão em busca de um degrau mais alto no pódio, que pode jamais ser alcançado. Devemos nos preocupar com o que disse Alves (1994, p. 37), que existem “*corpos que precisam ser transformados: que eles deixem de ser o que seriam para serem coisas diferentes.*” Assim como este autor, precisamos pensar se necessariamente os corpos devem ser mudados ou se, ao contrário, seria mais simples trabalhar para que estes corpos aprendam a conviverem consigo da forma que são e conseqüentemente, sejam felizes e plenos, sem modificações.

V - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalmente, chegamos ao último momento de nosso estudo, o momento de tecer considerações finais a respeito das histórias de vida das participantes e da relação existente entre estas histórias, a opção pela prática do voleibol e a percepção que elas têm de seus corpos.

Primeiramente, percebemos que as adolescentes se remeteram à infância lembrando-se sempre de suas brincadeiras, das formas como as realizavam e da importância que o esporte adquiria desde cedo. Estas brincadeiras, de caráter lúdico e simbólico, influenciariam de forma definitiva para que as participantes optassem pela prática do voleibol. Suas atividades preferidas tendiam a ser as desportivas e, ainda que muitas vezes substituíssem os esportes por outros jogos, esta prática tornou-se predominante.

Com o avanço da idade e a aproximação da puberdade, alguns fatores como as aulas de Educação Física e a opinião dos pais e amigos, determinaram que as participantes optassem pela modalidade aqui referida. No princípio, tratava-se apenas de uma dentre tantas brincadeiras, significava apenas mais um jogo. No entanto, o voleibol foi sendo abordado como uma paixão, uma vontade, um sonho de permanecer praticando o esporte e transformá-lo em profissão.

Indubitavelmente, a carreira esportiva tem se tornado cada vez mais atraente, devido à possibilidade de ascensão, de sucesso, vitórias e lucros, muitos lucros! Porém, na adolescência, este sonho tem um caráter gerador na imagem corporal das atletas, que estão determinadas a serem profissionais do esporte.

A dificuldade de lidar com as mudanças do próprio corpo na adolescência é uma característica desta fase. Com a influência do esporte e da mídia que o envolve, o que auxilia na formação deste ideal é a imagem que as almirantes à carreira esportiva têm das já consagradas atletas. São mulheres altas, fortes, com corpos esguios, musculosos e muito ágeis. Um padrão de beleza determinado por muito treinamento e pelas características físicas que o rendimento na modalidade impõem.

As adolescentes pretendem ser iguais, ou muito semelhantes, às atletas profissionais. Buscam os corpos vistos durante as exposições de jogos na televisão. Procuram exercitar-se de maneira a adquirirem forma física semelhante a de seus ídolos.

Acreditamos que as atletas adolescentes participantes deste estudo possuem uma boa percepção corporal de seu corpo, característica esta determinada pelas vivências motoras amplas que todas receberam durante a infância até a idade atual. Conhecem seus limites, percebem-se como mulheres e sabem das dificuldades de se atingir o *corpo perfeito e belo*. A preocupação encontra-se no cuidado que deveria ser empregado no treinamento destas adolescentes. Um cuidado para que não idealizem imagens que jamais poderão possuir, uma preocupação para que não lutem para ser algo além do que seus próprios limites podem permitir.

Enfim, aceitamos o fato das adolescentes atletas imaginarem-se diferentes das não-atletas, principalmente porque elas realmente têm um contato com o próprio corpo bastante diferenciado das demais. Enquanto mulheres, nossas adolescentes possuem um referencial de experiências com o corpo muito mais amplo que as demais. Desta forma, acreditamos ser possível que elas lidem melhor com o próprio corpo, o que não determina a certeza de sucesso na solução de problemas relacionados a ele, nem tampouco a isenção às crises que poderão surgir nesta fase. O dinamismo da imagem corporal impede que façamos afirmações generalistas sobre a percepção corporal destas adolescentes esperando apenas que elas continuem sentindo-se felizes com o que seus próprios corpos podem lhes oferecer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABERASTURY, A. **Adolescência normal**, por Arminda Aberastury e Maurício Knobel. 9^ª Ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.
- ALVES, R. O corpo e as palavras. In: BRUHNS, H. T. (org.) **Conversando sobre o corpo**. 5^ª Ed. - Campinas, SP: Papyrus, 1994.
- BECKER, D. **O que é adolescência**. Editora Brasiliense: São Paulo, 1994.
- BETTI, M. **A janela de vidro: esporte, televisão e educação física**. Campinas, SP, 1997. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.
- CAMPOS, D. M. S. **Psicologia da Adolescência**. Editora Vozes: Petrópolis, 1976.
- _____. **Psicologia da adolescência: normalidade e psicopatologia**. 9^ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
- CHIZZOTTI, A. **A pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1995.
- COSTA, E. M. B. **O corpo feminino no encontro com a antiginástica**. Campinas - SP, 1999. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.
- DAOLIO, J. **Da cultura do corpo**. Campinas, SP: Papyrus, 1995
- DELGADO, A. A. **Fundamentos socioculturales de la motricidad humana y el deporte**. Espanha: Universidad de Granada, 1994.
- ECKERT, H. M. **Desenvolvimento motor**. 3. ed. São Paulo: Manole, 1993.
- FELDENKRAIS, M. **Consciência pelo movimento**. São Paulo: Summus, 1977.
- FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro**. São Paulo: Scipione, 1994.
- GESELL, A. **A criança dos 5 aos 10 anos**. 2^ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993
- HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1992.
- IWANOWICZ, B. A imagem e a consciência do corpo. In: BRUHNS, H. T. (org.). 5^ª Ed. - Campinas, SP: Papyrus, 1994.
- JANA, J. E. A. **Para uma teoria do corpo humano**. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.
- MARTINS, J. e BICUDO, A.V. **A pesquisa qualitativa em psicologia**. São Paulo: Moraes, 1989.
- MEINEL, K. **Motricidade II: o desenvolvimento motor do ser humano**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1984.
- MELO, J. P. de. **Desenvolvimento da consciência corporal: uma experiência da educação física na idade pré-escolar**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

- OSÓRIO, L. C. **Adolescente hoje**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- RODRIGUES, Y. T.; GIOIA, O.; EVANGELISTA, J. **Adolescente, esporte e nutrição**. Rio de Janeiro: Ateneu, 1984.
- RODRIGUES, D. A. **Corpo, espaço e movimento**. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1998.
- SCHILDER, P. **A imagem do corpo**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.
- SILVA, M. A. S. S. **Memória e brincadeiras na cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX**. São Paulo: Cortez, 1989.
- STEFANELLO, J. M. F. **Ansiedade competitiva e os fatores de personalidade de adolescentes que praticam voleibol: um estudo causal-comparativo**. Santa Maria, 1990. Dissertação (Mestrado) - Pós Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Santa Maria.
- TAVARES, M. C. C. F. **Imagem corporal: conceito e desenvolvimento**. Barueri, SP: Manole, 2003.
- WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- ZAGURY, Tânia. **O adolescente por ele mesmo**. 7ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.

ANEXO I

ROTEIRO PARA ENTREVISTA

ROTEIRO PARA ENTREVISTA

1. Dados Pessoais

- 1.1. Idade
- 1.2. Altura
- 1.3. Peso
- 1.4. Mora com seus pais? Onde?
- 1.5. Você estuda? Em que ano está?

2. Atividades Corporais na Infância

- 2.1. Quais eram as brincadeiras que você realizava quando era criança?
- 2.2. Onde você mais gostava de brincar?
- 2.3. Você brincava com muitos amigos?
- 2.4. Você realizava alguma atividade corporal na escola ou fora dela?
- 2.5. Quais eram elas?

3. Atividades Corporais na Adolescência

- 3.1. Que tipo de atividade você mais gosta de fazer?
- 3.2. Você sai muito com os seus amigos?
- 3.3. Em quais os lugares você mais gosta de ir?
- 3.4. O que você mais gosta de fazer durante as férias?
- 3.5. Para você quais são as vantagens de ser adolescente? Por que?
- 3.6. E desvantagens? Por que?

4. Atividades Corporais Desenvolvidas

- 4.1. Há quanto tempo pratica esportes?
- 4.2. Quantas modalidades esportivas você já experimentou?
- 4.3. Quais foram esses esportes e onde você experimentou?
- 4.4. Há quanto tempo optou pela prática do voleibol?
- 4.5. O que levou você a jogar vôlei?
- 4.6. O que o vôlei tem de importante que faz você gostar dele?
- 4.7. Quais são os benefícios que você encontra em jogar vôlei na Melhoramentos?
- 4.8. Qual a importância da orientação do professor de Educação Física durante sua vida escolar?
- 4.9. Você ainda faz Educação Física na escola? O que acontece nestas aulas?

5. A Relação com o próprio Corpo

- 5.1. Como você se sente com relação ao seu corpo de mulher adolescente?
- 5.2. Como você vê seu corpo para uma jogadora de vôlei?
- 5.3. Para você, qual seria o corpo ideal para uma jogadora de vôlei?
- 5.4. Como você acha que as pessoas vêem o seu corpo?
- 5.5. Qual é a opinião das pessoas (sua família e amigos) quanto à sua prática esportiva?

ANEXO II

ROTEIRO ORIGINAL DAS ENTREVISTAS

1ª Entrevista

Participante 1:

Estudante da 8ª série, 13 anos de idade, 1m e 62 cm de altura, 58 Kg.

Priscila: Quais eram as brincadeiras que você realizava quando era criança?

Participante 1: Esporte, muito. Eu gostava muito de nadar, jogar basquete. Eu gostava ... jogar futebol, tudo menos vôlei.

Priscila: Por quê?

Participante 1: Não sei, não tinha tentado ainda.

Priscila: Onde você mais gostava de brincar?

Participante 1: No clube, porque lá tinha meus amigos, todo mundo da minha idade, então...

Priscila: Você brincava com muitos amigos?

Participante 1: Bastante, era um grupo de meninas e meninos.

Priscila: Você realizava alguma atividade corporal na escola ou fora dela?

Participante 1: Não.

Priscila: Em que ano você começou a ter Educação Física ?

Participante 1: Quinta série.

Priscila: Então você tinha alguma atividade corporal?

Participante 1: Não muito, porque normalmente a gente ficava jogando aqueles joguinhos de dama, estas coisas, não tinha muito esporte.

Priscila: O professor não dava aula?

Participante 1: A gente era muito burra, o professor incentivava mas ele falava "alguém quer jogar basquete?" Quem gostava ia, mas eu sempre gostava de ficar ali no pingue-pongue mesmo.

Priscila: Que tipo de atividade você mais gosta de fazer?

Participante 1: Vôlei e futebol.

Priscila: Por quê?

Participante 1: Não sei, acho que eu me dou bem.

Priscila: Como assim se dá bem? Você joga bem?

Participante 1: Não, não jogo muito bem, mas é gostoso.

Priscila: Sem ser esporte, que você gosta mais de fazer?

Participante 1: Eu gosto de sair com os meus amigos e, estudar nem pensar.

Priscila: Por quê?

Participante 1: Não gosto.

Priscila: Você sai muito com os seus amigos?

Participante 1: Saio, eu tenho bastante amigos.

Priscila: Em quais os lugares você mais gosta de ir?

Participante 1: Eu gosto do shopping e de vir para cá para o Taquaral³.

Priscila: Por que o shopping, por que o Taquaral?

Participante 1: O shopping porque é gostoso, vai todo mundo, a gente fica sentado conversando. O Taquaral, já é mais para fazer um esporte mesmo, jogar vôlei de areia, alguma coisa assim.

³ Taquaral é o nome pelo qual o Parque Portugal, situado na cidade de Campinas-SP, é conhecido.

Priscila: O que você mais gosta de fazer durante as férias?

Participante 1: Sair com os meus amigos e sair na rua porque a gente faz bastante esporte lá, a gente joga bastante, joga bets, vôlei, tudo.

Priscila: Para você quais são as vantagens de ser adolescente? Por que?

Participante 1: Tem vantagens mais também tem desvantagens. A vantagem é que a gente não está nem muito velho nem muito novo, é a idade certa pra fazer tudo o que você quer, tudo que eu gosto de fazer.

Priscila: Como assim, o que você gosta e pode fazer?

Participante 1: Bom, eu não podia sair com ninguém porque eu era muito pequena, meus pais não deixavam. Ou eu saía com a minha irmã ou não saía com ninguém. Agora eu tenho os meus amigos, eu posso sair, tenho liberdade para isso. Também não podia fazer esporte nenhum porque eu era muito pequenininha e não conseguia entrar em lugar nenhum.

Priscila: E desvantagens? Por quê?

Participante 1: A minha idade não é tão boa, eu tenho 13 anos, então quando eu vou sair com os meus amigos eu não posso entrar em qualquer lugar que eu queira porque a maioria é acima de 14 ou 16, então eu não tenho muito para onde ir.

Priscila: E com relação aos seus pais, tem algum problema ou tem bastante diálogo?

Participante 1: Eu falo mais com a minha mãe, meu pai trabalha muito e não fica muito em casa, mas tudo o que acontece comigo eu conto para minha mãe, o que eu fiz no dia, o que aconteceu comigo.

Priscila: Há quanto tempo pratica esportes?

Participante 1: Acho que faz uns quatro anos. Eu comecei na Hípica Barão⁴, eu fazia muito esporte lá, tinha natação, mas eu era muito pequenininha então... jogava basquete, futebol bastante, só vôlei que não muito.

Priscila: Há quanto tempo optou pela prática do voleibol?

Participante 1: Eu jogo desde os nove anos.

Priscila: O que o vôlei tem de importante que faz você gostar dele?

Participante 1: Eu via todas as minhas amigas jogando. Eu ia parar, mas eu pensei: não, eu gosto muito de jogar, eu acho que é importante porque deixa a gente com um corpo bonito e eu gosto muito de jogar vôlei e, a maioria das minhas amigas jogam.

Priscila: Quais são os benefícios que você encontra em jogar vôlei na Melhoramentos?

Participante 1: É o melhor time de Campinas. Eu jogava no Cultura⁵ quando eu comecei e eu vi que lá ninguém tinha vontade nenhuma, eu ia em todos os treinos, mas a gente vivia perdendo por WO⁶ porque ninguém ia. Aqui não, aqui todo mundo tem vontade, todo mundo joga, todos vem treinar, todo mundo lhe trata bem. Lá não, era aquele grupinho e só, as outras ficavam sempre fora.

Priscila: Como é essa coisa de tratar bem aqui?

Participante 1: É assim, se eu peço ajuda a alguém quando eu estou treinando muito mal elas falam: "você tem que melhorar nisso, você tem que melhorar naquilo", todo mundo sempre me ajuda, pelo menos comigo sempre foi assim aqui.

Priscila: Qual a importância da orientação do professor de Educação Física durante sua vida escolar?

Participante 1: Na minha escola não tem muita importância, mas eu acho que é bom porque a obrigação dele seria ensinar os fundamentos, mas ele não faz muita coisa, então...

⁴ Hípica Barão: clube de Campinas situado no distrito de Barão Geraldo.

⁵ Clube Semanal de Cultura Artística, situado na cidade de Campinas, no distrito de Souzas.

Priscila: Você acha que o professor deveria fazer como?

Participante 1: Devia ensinar um esporte até todo mundo saber, daí ele mudava para outro. Mas, ele diz: "cada um faz o que quiser, o que vocês querem fazer". Aí um pega a bola de vôlei, outro a de basquete, a mesa de pingue-pongue e fica nisso.

Priscila: Como você se sente com relação ao seu corpo de mulher adolescente?

Participante 1: Eu acho que eu ainda precisava melhorar um pouco, eu queria crescer um pouco mais, emagrecer um pouco, mas ao mesmo tempo engrossar minha perna porque eu acho que é o que faz diferença. Você vê uma menina e fala: "nossa, aquela menina tem perna bonita!"

Priscila: O que você gosta bastante no seu corpo?

Participante 1: Eu gosto de tudo.

Priscila: Como você vê seu corpo para uma jogadora de vôlei?

Participante 1: Eu acho que não está bom e que ainda precisa melhorar muito. Como eu disse, eu preciso crescer, porque com o meu tamanho eu não vou conseguir fazer nada, preciso ter mais músculos.

Priscila: Para você, qual seria o corpo ideal para uma jogadora de vôlei?

Participante 1: Ela seria grande, muito alta com 1,93m por aí, pernas grossas, muito músculo, acho que só... uma boa impulsão.

Priscila: Por que você acha que teria que ter tanto músculo assim?

Participante 1: Não é tanto músculo, eu acho que teria que ter tudo definido.

Priscila: Como você acha que as pessoas vêem o seu corpo?

Participante 1: Perto das meninas da minha escola que não fazem esporte nenhum é um corpo diferente, é um corpo bonito perto dos delas. Mas, aqui no time tem muita menina com o corpo muito mais bonito que o meu.

Priscila: Mas o que você acha que os outros acham?

Participante 1: Ah, bonito, sei lá.

Priscila: Qual é a opinião das pessoas (sua família e amigos) quanto à sua prática esportiva?

Participante 1: Todo mundo me incentiva, meus amigos não ligam, mas minha família me incentiva muito para eu continuar jogando, que é um esporte bom. Acho que não tem muito aquele negócio que nem basquete, todo mundo junto. O vôlei é uma coisa que respeita mais e eu acho que é bom por isso.

Priscila: Você gostaria de continuar jogando, de seguir carreira e virar atleta profissional?

Participante 1: Não, eu acho que isso nem sou eu que tenho que escolher, mas eu acho que eu não ia dar muito certo porque eu não sou aquelas coisas, eu teria que crescer muito e eu nem vou crescer muito mais, não vou passar de 1,70m.

⁶ WO: expressão utilizada para denominar a ausência em quadra de uma das equipes que disputarão um jogo, o que leva a não ocorrência do mesmo.

2ª Entrevista

Participante 2:

Estudante da 7ª série, 13 anos de idade, 1m e 75 cm de altura, 57 Kg.

Priscila: Quais eram as brincadeiras que você realizava quando era criança?

Participante 2: Eu brincava muito de pega-pega, nadava sempre que podia com meus amigos, brincava de correr na rua, adorava esconde-esconde, enfim, ficava quase a tarde inteira brincando com os amigos e os meus primos, principalmente.

Priscila: Onde você mais gostava de brincar?

Participante 2: Eu gostava de ir na casa da minha avó para brincar porque eu brincava com meu avô também e, com os meus primos, pegava uma coberta e fazia uma cabana entre os dois sofás.

Priscila: Você brincava com muitos amigos?

Participante 2: Brincava mais com os meus primos e com o meu avô.

Priscila: Você realizava alguma atividade corporal na escola ou fora dela?

Participante 2: Não.

Priscila: Você fez Educação Física desde que idade?

Participante 2: Desde a primeira série.

Priscila: E na Educação Física você fazia o quê?

Participante 2: Eu joguei muito handebol, acho que eu joguei uns dois anos seguidos, eu brincava muito de queimada, de vez em quando eu fazia basquete também. Vôlei era muito pouco porque não saía quase nada na escola. Jogava mais queimada e handebol.

Priscila: Por que você acha que não tinha vôlei?

Participante 2: Porque eu acho que as meninas tinham um pouco de medo da bola e não jogavam com tanta vontade, então não saía muito jogo, aí a professora já dava handebol que todo mundo gostava.

Priscila: Tinha alguma outra atividade que você fazia na escola?

Participante 2: Que eu lembre não.

Priscila: Você fez algum esporte fora da escola?

Participante 2: Fiz natação.

Priscila: Que tipo de atividade você mais gosta de fazer?

Participante 2: Vôlei, handebol e natação.

Priscila: Sem ser esporte, o que você mais gosta de fazer?

Participante 2: Eu gosto de muito de dançar, gosto de ficar comendo muito, eu tenho mania de comer bastante, durmo bastante, tenho mania de sair muito para ir à casa dos amigos e ir ao shopping.

Priscila: Por que você acha que vôlei, handebol e natação são seus esportes preferidos?

Participante 2: Porque foram os esportes que eu mais pratiquei. Handebol foi o que eu mais pratiquei na Educação Física, que eu gostei muito, que eu aprendi a jogar muito bem, portanto eu me interessei mais.

Priscila: Você sai muito com os seus amigos?

Participante 2: Sempre que eu posso, quando eu não tenho que estudar eu saio.

Priscila: Quais os lugares você mais gosta de ir?

Participante 2: Eu vou à casa dos meus amigos, da Sílvia aqui do vôlei também, que mora na mesma rua, eu vivo indo em sua casa, aí a gente combina de ir ao shopping.

Priscila: O que vocês fazem quando vocês vão ao shopping?

Participante 2: A gente fica andando lá, vendo roupa, comprando muito doce, tomando muito sorvete do *McDonald's*.

Priscila: O que você mais gosta de fazer durante as férias?

Participante 2: Normalmente eu vou à praia. Lá eu jogo vôlei de areia que é muito bom. Eu nado prá caramba também. Quando dá, eu também corro um pouco.

Priscila: Você gosta de correr?

Participante 2: Não gosto muito porque força o meu joelho e eu tenho problema no joelho.

Priscila: O que é?

Participante 2: Eu tinha um problema da cartilagem. Eu já operei, mas continua doendo um pouco.

Priscila: Você vai à praia com seus pais?

Participante 2: Vou.

Priscila: Para você quais são as vantagens de ser adolescente? Por que?

Participante 2: Eu acho que eu tenho mais liberdade, minha mãe confia em mim. Começou aquele tempo também de meninos. É muito bom!

Priscila: Para você o que é ter mais liberdade?

Participante 2: É você poder pedir a sua mãe para sair e ela deixar tendo confiança em você, deixando você ficar com algum menino, tranqüila e tendo muita confiança em você.

Priscila: Você conversa bastante com a sua mãe e com o seu pai?

Participante 2: Converso muito mais com a minha mãe, com o meu pai também tenho um diálogo, mas é mais com a minha mãe.

Priscila: Você tem irmãos?

Participante 2: Não, sou filha única.

Priscila: E desvantagens? Por quê?

Participante 2: De vez em quando tem por eu ser filha única. Às vezes, quando minha mãe não deixa eu ir em algum lugar porque ela tem muito medo que aconteça alguma coisa comigo, ela teve um sonho uma vez que me seqüestravam, então, já viu! Ela fica com medo, fica com muito medo de acontecer alguma coisa comigo.

Priscila: E você procura fazer tudo como sua mãe pede?

Participante 2: Procuro, para ela não ficar brava.

Priscila: Há quanto tempo pratica esportes?

Participante 2: Que eu sei, há sete anos.

Priscila: Quantas modalidades esportivas você já experimentou?

Participante 2: Handebol, natação e voleibol.

Priscila: Na natação você chegou a competir?

Participante 2: Cheguei. Teve uma vez que eu estava jogando vôlei há bastante tempo e resolvi parar e tentar a natação, então comecei, já estava bem, entrei numa competição e fiquei em terceiro lugar.

Priscila: Há quanto tempo optou pela prática do voleibol?

Participante 2: Na verdade eu comecei com o Tião⁷ no ETA, quando eu tinha uns oito ou nove anos.

Priscila: O que levou você a jogar vôlei?

Participante 2: Meus pais. Minha mãe joga vôlei, meu pai foi técnico, então já tem uma influência. Minha mãe joga até hoje.

⁷ Sebastião Velardi Júnior, atual técnico da equipe do Campinas Volleyball Club – Melhoramentos.

Priscila: O que o vôlei tem de importante que faz você gostar dele?

Participante 2: É um esporte muito bonito, eu acho muito importante porque tem um bom condicionamento físico.

Priscila: Como assim bonito?

Participante 2: É um esporte que tem equipe na seleção brasileira, tem masculino, tem feminino, o pessoal todo jogando na quadra, todos caindo para buscar a bola, correndo, atacando, acho muito lindo o vôlei.

Priscila: E sobre o condicionamento físico?

Participante 2: O atleta também tem que correr bastante, tem que alongar bastante, eu acho isso muito bom e ajuda até a manter a forma.

Priscila: Quais são os benefícios que você encontra em jogar vôlei na Melhoramentos?

Participante 2: É uma equipe boa, que eu me enturmei com todo mundo.

Priscila: Como assim “se enturmou”?

Participante 2: Eu conhecia a Gabriela, que eu treinava com ela no ETA, quando eu vim prá cá ela já estava aqui. Aí ela começou a me enturmar, eu fiquei amiga de todo mundo, aí juntou uma equipe e ficou uma equipe unida, é uma equipe bastante forte de Campinas.

Priscila: Qual a importância da orientação do professor de Educação Física durante sua vida escolar?

Participante 2: Ele me ensinou vários exercícios que eu não sabia, que eu achei que era bom. Ele foi falando para eu alongar, para enfim, eu não ter problemas durante a Educação Física, não ter problema no músculo.

Priscila: Você ainda faz Educação Física na escola? O que acontece nestas aulas?

Participante 2: São muito boas. O professor normalmente começa aquecendo a gente, alonga direitinho, explica como é o jogo, explica o tempo, fica corrigindo a gente, ele faz um bom jogo. Até hoje ele dá handebol, então ele explica para todo mundo que faz alguma coisa errada, algum passe errado.

Priscila: “Até hoje ele dá handebol” que você diz é desde o começo do ano?

Participante 2: Desde o ano passado também.

Priscila: Não muda de modalidade é só handebol?

Participante 2: Muda, nós jogamos também futebol de salão, basquete, vôlei, é por bimestre.

Priscila: Como você se sente com relação ao seu corpo de mulher adolescente?

Participante 2: Eu vejo um bom corpo, eu acho meu corpo muito bonito, eu estou satisfeita. Eu não queria ser nem aquelas meninas muito gordas, mas também não queria ser magrinha, eu mantenho minha forma.

Priscila: E para você, o que é manter a forma?

Participante 2: Fazer exercício para sempre manter o mesmo peso para ficar bem, para não ter problema depois, ter uma boa alimentação para não ter problema no estômago, essas coisas,.

Priscila: Como você vê seu corpo para uma jogadora de vôlei?

Participante 2: Eu acho que está bem razoável, porque está na média. O pessoal do vôlei costuma ser muito magro, acho que meu corpo é muito bom, está na medida certa para jogar vôlei.

Priscila: Para você, qual seria o corpo ideal para uma jogadora de vôlei?

Participante 2: Teria que não ter barriga, ser normal, ser alta ... É muito bom ser alta para o vôlei.

Priscila: Quanto alta?

Participante 2: 1,70 m no mínimo.

Priscila: E no máximo?

Participante 2: Varia.

Priscila: O que mais? O que você não tem que uma jogadora ideal teria?

Participante 2: Eu não corro direito por causa do joelho, eu canso muito fácil, eu transpiro muito fácil. Eu tenho rinite e sinusite, então, às vezes, me prende a respiração, eu sou muito lerda também para jogar voleibol, teria que ser rápida demais, de vez em quando eu tenho medo de cair no chão com o joelho por causa do problema que eu tenho, mas tem que ir com tudo para pegar a bola.

Priscila: Como você acha que as pessoas vêem o seu corpo?

Participante 2: Várias pessoas já me elogiaram muito pelo meu corpo, falam que eu tenho um corpo bonito, bem definido, corpo de atleta.

Priscila: Para você é bom ter corpo de atleta?

Participante 2: É bom, eu acho um belo corpo.

Priscila: Qual é a opinião das pessoas (sua família e amigos) quanto à sua prática esportiva?

Participante 2: Todos me dão a maior força, falam que é para eu praticar esporte enquanto eu sou adolescente porque conforme vão passando os anos, você vai ficando com uma idade avançada, muitos não têm a possibilidade de jogar, de estar praticando esporte. Então, eles me apoiam demais, enquanto eu estou neste período que eu posso jogar vôlei, que eu posso fazer esporte, eles falam: "faça tudo o que você tem direito, faça tudo o que você quiser, o esporte que você quiser para você ficar feliz".

Priscila: Você tem certeza do vôlei ou você mudaria de esporte?

Participante 2: Eu não sei, eu acho que eu mudaria de esporte. Eu acho que eu estou correndo o risco de ter que parar de jogar vôlei por causa do joelho, pois já operei, fiz muita fisioterapia, alongo bastante, coloco muito gelo e continua doendo. Eu acho que eu vou ter que parar.

3ª Entrevista

Participante 3:

Estudante da 8ª série, 14 anos de idade, 1m e 72 cm de altura, 60 Kg.

Priscila: Quais eram as brincadeiras que você realizava quando era criança?

Participante 3: Amarelinha, elástico, stop, pular corda, vôlei.

Priscila: Você sabe por que você brincava com estas coisas?

Participante 3: Por um lado era influência da minha família. Não sei porque minha avó ensina a gente todas as brincadeiras do tempo dela para a gente ensinar aos nossos outros primos, e assim vai.

Priscila: Onde você mais gostava de brincar?

Participante 3: Geralmente eu brincava em casa porque a minha mãe não deixava eu sair para rua com o pessoal da rua.

Priscila: Você brincava com muitos amigos?

Participante 3: Brincava, eu chamava toda a turminha da rua e eles iam lá em casa.

Priscila: Você ia à casa dos seus amigos também?

Participante 3: Ia.

Priscila: Você realizava alguma atividade corporal na escola ou fora dela?

Participante 3: Sempre fiz vôlei. Mas, eu experimentei futebol e basquete.

Priscila: E fora da escola?

Participante 3: A partir dos dez anos eu comecei a praticar vôlei e depois eu comecei a praticar ballet.

Priscila: Que tipo de atividade você mais gosta de fazer?

Participante 3: Gosto de dançar, gosto de jogar vôlei e, de vez em quando, dou umas corridinhas.

Priscila: Por que você acha que gosta destas coisas?

Participante 3: Dança eu aprendi a gostar por causa da minha irmã, que adora. O vôlei eu sempre gostei desde a minha infância até hoje.

Priscila: Você sai muito com os seus amigos?

Participante 3: Saio, geralmente a turma é só de meninas porque minha mãe não gosta que eu saia de casa com meninos, aí eu posso convidar alguns que minha mãe conheça a família, mas meninos estranhos, eu não posso, minha mãe não gosta que eu saia. Eu posso encontrar meninos nos lugares para onde eu vou, mas sair de casa eu não posso.

Priscila: Em quais os lugares você mais gosta de ir?

Participante 3: A gente vai no Unimart, no Iguatemi - *shoppings* -, no cinema, algumas vezes eu fui com a minha irmã no Alles Bier⁸ e só.

Priscila: Por que você gosta de ir aos *shoppings* e cinemas?

Participante 3: Porque é divertido você sair com a sua turma e ir em shopping. Você dá risada, você se diverte. Cinema então, nem se fala, é muito gostoso você sair com a sua turma e assistir um filme legal, uma comédia, um romance...

Priscila: O que você mais gosta de fazer durante as férias?

Participante 3: Gosto muito de viajar.

Priscila: Para quais lugares você viaja?

⁸ Alles Bier Cervejaria, casa noturna situada na cidade de Campinas, no distrito de Souza.

Participante 3: Eu tenho uma tia que mora em Ubatuba e outro tio que mora em São Paulo, tenho uma avó que mora em Louveira e eu sempre visito a família. Eu já viajei uma vez com a minha melhor amiga e a família dela.

Priscila: Para você quais são as vantagens de ser adolescente? Por que?

Participante 3: Tudo na adolescência até agora pra mim está sendo bom.

Priscila: Por quê?

Participante 3: Eu acho que na adolescência tem que ter cabeça, porque primeiro vêm aquelas oportunidades horrorosas, aquelas pessoas que se dizem ser amigas, mas não são.

Priscila: O que aconteceu? Você pode contar alguma coisa para mim?

Participante 3: Uma vez eu estava com a minha turma, com os meus vizinhos, e chegou um moleque que eu nunca vi, que tinha se mudado para minha rua há uns três dias atrás, chegou para gente e conversou com a gente normal. E de repente ele ofereceu droga para nós. Eu simplesmente sai da minha roda e fui para casa. Os meus amigos também são contra drogas e começaram a discutir com ele e aí virou um conflito.

Priscila: Mas, o que há de melhor em deixar de ser criança e se tornar adolescente?

Participante 3: Eu recebi mais liberdade com a minha mãe. Antes eu não podia dar um passo fora de casa sem ela estar junto. Hoje, eu posso sair sozinha, com a minha irmã ou com a minha turma.

Priscila: E desvantagens? Por que?

Participante 3: Como meu irmão tem 13 e eu tenho 14, a gente perde o paparico da mãe. A gente não fica mais em casa e sente falta dela. Ela também tem os compromissos que são muito mais e a gente fica muito mais sozinho do que com ela. A gente sente muita falta da mãe porque antes ela ficava direto com a gente, convivia no dia-a-dia, agora ela viaja muito, e a gente sente muita falta de colo, de cafuné, de histórias, essas coisas.

Priscila: Há quanto tempo pratica esportes?

Participante 3: Há quatro anos.

Priscila: Há quanto tempo optou pela prática do voleibol?

Participante 3: Há quatro anos.

Priscila: O que levou você a jogar vôlei?

Participante 3: Eu sempre segui a seleção brasileira pela televisão, quando eu tive a oportunidade de jogar em um campeonato em Vinhedo, que eu morava lá ainda, foi quando eu percebi que o que eu gostava mesmo era do vôlei. Daí eu procurei times para jogar e hoje eu estou aqui na Melhoramentos.

Priscila: O que o vôlei tem de importante que faz você gostar dele?

Participante 3: Tudo.

Priscila: Tudo o quê?

Participante 3: No vôlei você pode se movimentar, você pode cair, correr, eu sei que nos outros esportes você também pode fazer isso, mas no vôlei é tudo mais diferente, o vôlei é mais feminino. Não é um esporte muito rigoroso, muito violento, tem que ter um pouco mais de delicadeza, se você for jogar futebol já tem que chegar empurrando, dando ombrada, o basquete então, nem se fala, já chega dando soco.

Priscila: Quais são os benefícios que você encontra em jogar vôlei na Melhoramentos?

Participante 3: Para mim é que quando eu chego para fazer um teste, eu já tenho um nome. "Onde você joga? Na Melhoramentos? Então, você joga bem para estar lá". A Melhoramentos foi o único time em que eu joguei que o time é unido e que tem uma harmonia muito grande.

Priscila: Como você me explica esta harmonia. O que tem de união?

Participante 3: As todas as meninas são minhas amigas, não tenho problema com falsidade, problema com confusão e brigas dentro do time. Nos outros times que eu joguei era horrível, muita mentira, muita fofoca, muita desunião. Aqui a gente se ajuda.

Priscila: Qual a importância da orientação do professor de Educação Física durante sua vida escolar?

Participante 3: O professor de Educação Física pra mim foi muito importante porque até os meus dez anos eu estava procurando um esporte para que eu me adaptasse, então a minha professora sempre me incentivava, me levava em times para eu fazer testes - porque eu morava com a minha avó muito idosa e era difícil para ela me levar -.

Priscila: Você ainda faz Educação Física na escola? O que acontece nestas aulas?

Participante 3: Nós chegamos e, o professor explica na lousa o que ele vai dar por escrito, daí nós descemos para a quadra. Na quadra a gente coloca tudo o que aprendeu na classe em prática e ele vai aperfeiçoando, se você está fazendo um fundamento errado ele ajuda, se você está com alguma dor ele faz uma massagem, ajuda você a alongar, a aquecer.

Priscila: Como você se sente com relação ao seu corpo de mulher adolescente?

Participante 3: Eu gostaria de ter as pernas mais grossas porque minha perna é muito fininha.

Priscila: Por que você acha tão importante ter pernas grossas?

Participante 3: Não que eu ache importante, eu acho bonito.

Priscila: O que mais, o que você gosta e não gosta no seu corpo?

Participante 3: Praticamente eu gosto de tudo, só que eu gostaria de ter um pouco menos de busto, porque eu não gosto de muito. Minha mãe insiste, diz que está bonito, mas eu não gosto, acho muito feio. Então no futuro, eu pretendo, se eu tiver condições, fazer uma cirurgia.

Priscila: Você sente dores nas costas por isso, alguma coisa assim?

Participante 3: Não, mas eu não me sinto bem, não sei porque. Na minha família das adolescentes eu sou a única que tenho mais. Eu tenho uma prima que nem tem nada, ela queria ser como eu sou e eu queria ter o que ela tem de busto.

Priscila: Como você vê seu corpo para uma jogadora de vôlei?

Participante 3: Eu acho que para uma jogadora de vôlei está bom.

Priscila: Para você, qual seria o corpo ideal para uma jogadora de vôlei?

Participante 3: Ela não seria obesa, teria uma forma boa, não teria barriga, não ter gordura, ser toda durinha.

Priscila: O que falta e o que você já tem deste corpo de jogadora?

Participante 3: Eu acho que não falta nada, eu tenho uma altura boa, um peso bom, eu só preciso diminuir os seios.

Priscila: Como você acha que as pessoas vêem o seu corpo?

Participante 3: Dizem que o meu corpo é bonito, mas eu preferia ter uma coxa grossa.

Priscila: Qual é a opinião das pessoas (sua família e amigos) quanto à sua prática esportiva?

Participante 3: Me incentivam muito, todos, tanto os meus amigos que, às vezes, vêm assistir meus treinos, meus familiares que vêm de final de semana, sempre que eu posso eu trago eles para assistir os treinos, os jogos...

Priscila: Você pretende continuar, seguir carreira no vôlei?

Participante 3: Pretendo e, além do vôlei eu quero me formar em medicina, principalmente na parte de pediatria, adoro mexer com criança. Eu acho que se um dia o vôlei não der certo eu já vou ter uma profissão, uma faculdade e aí eu já posso tentar outra carreira, ser uma doutora.

4ª Entrevista

Participante 4:

Estudante, 14 anos de idade, 1m e 84 cm de altura, 85 Kg.

Priscila: Há quanto tempo você pratica esportes?

Participante 4: Mais ou menos há 4 anos.

Priscila: De uma maneira geral, todo tipo de esporte?

Participante 4: Não, só vôlei.

Priscila: Quantas modalidades esportivas você já vivenciou? Quais esportes você já praticou?

Participante 4: Só vôlei.

Priscila: Há quanto tempo você optou por jogar vôlei?

Participante 4: Há 4 anos.

Priscila: Quando você era criança do que você costumava brincar? Quais eram as atividades corporais?

Participante 4: Pular corda, jogar futebol, mas aí eu conheci uma amiga que me influenciou, eu comecei a aprender um pouquinho, aí eu gostei e desandou, foi o que eu quis mesmo, o vôlei.

Priscila: O que você mais gostava de fazer quando você era criança?

Participante 4: Brincar de casinha, brincar com os meus primos, enfim, tudo que uma criança faz, brincar de esconde-esconde, pega-pega, essas coisas.

Priscila: Você brincava com muitos amigos?

Participante 4: Tinha, quando eu tinha uns sete anos eu brincava com mais ou menos umas dez crianças e era variado, não tinha essa história de menino ou menina, eram vários.

Priscila: Você fazia alguma atividade corporal na escola?

Participante 4: Na escola a professora estava ensinando só a base de ginástica olímpica e eu gostei, ainda mais que eu tinha feito um pouquinho de ballet, então eu estava acostumada a fazer abertura e era isso que a gente mais fazia na escola.

Priscila: Durante toda a sua infância, os primeiros anos da escola, a maior parte do tempo você aprendeu ginástica olímpica?

Participante 4: Sim, a maior parte.

Priscila: E em outros esportes você lembra de ter uma iniciação?

Participante 4: Handebol.

Priscila: Hoje, que tipo de atividade você mais gosta de fazer - não precisa ser só no esporte?

Participante 4: Eu gosto bastante de andar.

Priscila: Você sai muito com seus amigos? Quais os lugares você mais gosta de sair?

Participante 4: Eu não saio muito, mas quando eu saio eu gosto de ir a danceteria, mas não em danceteria muito agitada, mais para se divertir mesmo.

Priscila: Durante as férias o que você mais gosta de fazer?

Participante 4: Eu gosto de ir para a casa dos meus amigos, chamar amigas pra dormir em casa, só isso.

Priscila: Para você quais são as vantagens de ser adolescente?

Participante 4: Vantagens... não ter muita responsabilidade e acho que você tem que aproveitar enquanto você tem alguém para cuidar de você porque depois que você fica adulto, você fica mais responsável pelos seus atos, por tudo o que você faz. Tudo bem que na adolescência tem muita responsabilidade, mas trabalhar cedo já não, ainda dá para curtir os pais porque depois que fica adulto aí fica duro.

Priscila: Você vê alguma desvantagem?

Participante 4: Desvantagem é que os pais ficam muito no pé, ainda mais eu que sou filha única, eles ficam muito corujas, não me deixam fazer nada, não me deixam sair, tem que ir sempre alguém junto comigo...

Priscila: O que mais lhe motiva a participar de atividades corporais como o vôlei?

Participante 4: Eu só sei que o vôlei é a minha paixão, porque é um esporte que eu fui com a cara, mas eu não sei explicar muito bem porque. Basquete eu peguei antipatia de jogar porque pela minha altura todo mundo ficava falando "a você tem que jogar basquete" e me dava nos nervos, mas escolhi o vôlei.

Priscila: Qual a importância da orientação do profissional da Educação Física na prática de atividade corporal?

Participante 4: Ele lhe ensina uma base dos esportes, eu acho bom porque ai você vai entendendo mais de cada um deles para depois você ver qual você curtiu mais, você ver se você quer seguir carreira, se você quer aquilo. Então, ele dá um pouco do conhecimento de cada esporte para você saber o que está fazendo, porque se você entrar de vez no esporte, sem saber nada, eu acho que é meio complicado.

Priscila: Quais são os benefícios que você encontra em treinar aqui na Melhoramentos?

Participante 4: A Melhoramentos é um time muito bom, muito importante e aqui foi o lugar que eu consegui aprender mais. Eu não comecei aqui, mas aqui eu aprendi muita coisa e, eu aconselho as meninas que queiram mesmo jogar venham para cá porque aqui, a parte física, o treinador, ainda mais a amizade do pessoal da Melhoramentos é bom, influencia muito.

Priscila: Como você se sente com relação ao seu corpo?

Participante 4: Eu acho que para o voleibol eu ainda tenho que emagrecer muito, porque eu acho que o meu corpo ainda não está na estatura normal, ainda mais que eu tenho a perna um pouco torta, muita gente fala: "mais você não tem medo de ter que seguir carreira e de repente ter que parar por causa da perna?" Eu não fico pensando nisso, antigamente eu tinha muita vergonha, mas hoje em dia eu penso, o esporte até ajuda, então, acho que não tem nada a ver. A perna, Tião já disse que tem fisioterapeuta e tudo o que eu precisar... então, eu não tenho medo, o que importa é que o voleibol me leva a esquecer de tudo isso.

Priscila: De tudo o que você conhece do seu corpo hoje, o que você acha mais importante? Como você lida com o seu próprio corpo?

Participante 4: Bom eu acho que eu tenho que valorizar mais um pouco o meu corpo, trabalhar mais com ele porque ele vai ser muito importante. E o que eu acho mais importante para mim é a minha altura, e como eu já disse antes, é só diminuir o peso que está ótimo.

Priscila: Qual é a sua altura?

Participante 4: 1,84 m.

Priscila: Qual o seu peso?

Participante 4: Eu acho que eu estou com 85Kg.

Priscila: Para o voleibol como você vê seu corpo?

Participante 4: Eu também tinha trauma da minha altura, mas para o voleibol eu estou tendo vantagem. O que importa é minha altura porque eu vivo reclamando do pé, mas eu sou alta, para a minha altura meu pé tem que ser um pouco maior. Hoje eu fico feliz porque eu tenho uma posição boa dentro da quadra - que é meio -, e se eu quiser seguir carreira a altura vai me ajudar muito.

Priscila: Como você gostaria de ser corporalmente para ser jogadora de voleibol?

Participante 4: Eu queria ser um pouquinho mais alta, apesar de ser um pouco constrangedor, e mais magra, porque eu tenho 1,84m e meu peso ideal, eu pretendo chegar aos 74 kg, mas eu chego lá!

Priscila: Como você acha que as outras pessoas lhe vêem como jogadora de vôlei?

Participante 4: Eu acho que muitas pessoas não leva a sério porque quando eu falo, eu treino lá no Taquaral, vai lá assistir, eu acho que eles pensam que é só uma brincadeira e que não é nada sério. Mas, têm pessoas que botam fé, minha família me ajuda muito, me apoia muito, mas meus amigos eles podem até falar: "ai um dia eu quero lhe ver de lá da arquibancada e eu vou torcer por você e você vai estar lá na seleção", mas no fundo eles pensam que essa menina está lá só brincando de vôlei, mas se Deus quiser um dia eles vão enxergar a verdade.

Priscila: Como você vê seu corpo de mulher adolescente?

Participante 4: Por essa mudança ter sido assim repentina, foi uma experiência boa, mas no começo eu estranhava. Hoje eu me sinto uma mulher, eu acho posso dizer que eu sou uma mulher porque eu me sinto bem. No começo eu falava: mas, eu ainda sou criança eu já estou assim – menstruada -, eu não quero ir para escola. Então, eu tive que começar a usar novas coisas e foi meio traumático, mas agora eu já me acostumei e acho que foi uma fase importante para minha vida, assim como é importante para todas as mulheres.

Priscila: Seu corpo mudou bastante da infância para agora, você gostou destas mudanças?

Participante 4: Gostei, acho que eu fui criando um pouco de cintura - eu não tinha nada -, eu emagreci um pouco - eu era bem mais gordinha - e da minha perna eu gosto bastante, apesar dela ser assim, meio diferente.

Priscila: Você vê diferença do seu corpo de atleta para os das meninas que não são atletas?

Participante 4: Vejo e eu acho que comparado com os das outras meninas tem coisas que ficaram bem melhores: a perna engrossou e eu gostei disso.

Priscila: E como você acha que as outras pessoas vêem o seu corpo?

Participante 4: Eu acho que todo mundo fala que minha altura é ideal para jogar vôlei, mas pelo meu peso, pela minha perna, eles não botam muita fé. Eu acredito que eu possa jogar vôlei mesmo assim.

Priscila: O que você tem na perna?

Participante 4: Minha perna é o seguinte - meu médico não explicou muito bem -, mas eu acho que é porque eu cresci rápido demais e ela abriu em "V", então o médico já disse que teoricamente o vôlei não vai afetar em nada, mas eu tenho que tomar um pouco de cuidado porque conforme eu pulo eu caio e o peso cai todo para esse lado interno da perna. Mas, ele disse que isso não é problema, que eu tenho que tirar da cabeça. É só evitar cair muito para não sentir dor e, se sentir, avisar, mas eu não sinto muitas dores, então está tranquilo.

5ª Entrevista

Participante 5:

Estudante da 8ª série, 14 anos de idade, 1m e 83 cm de altura, 55 Kg.

Priscila: Há quanto tempo você pratica esportes?

Participante 5: Há uns 4 anos.

Priscila: Quantas modalidades esportivas você já vivenciou? Quais esportes você já praticou?

Participante 5: Vôlei, um pouco de karatê, acho que só.

Priscila: Há quanto tempo você optou por jogar vôlei?

Participante 5: Acho que faz uns 3 anos.

Priscila: Quando você era criança você costumava brincar de que? Quais eram as atividades corporais?

Participante 5: Pega-pega, pular corda, queimada, esconde-esconde, essas coisas.

Priscila: O que você mais gostava de fazer quando você era criança?

Participante 5: Correr, pular, brincar de boneca.

Priscila: Você brincava com muitos amigos?

Participante 5: Muitos, era uma galera.

Priscila: Qual a atividade que você mais gostava?

Participante 5: Queimada.

Priscila: Você fazia alguma atividade corporal na escola?

Participante 5: Fazia mais alongamento, esses negócios.

Priscila: Hoje, que tipo de atividade você mais gosta de fazer - não precisa ser só no esporte?

Participante 5: Jogar vôlei.

Priscila: Você sai muito com seus amigos? Quais os lugares você mais gosta de sair?

Participante 5: Mais ou menos, eu não saio muito mas também não saio muito pouco.

Priscila: Você tem bastante amigos?

Participante 5: Tenho.

Priscila: Que lugares você gosta de ir? Que tipo de lugar?

Participante 5: Eu vou para chácara, às vezes, eu vou dançar, vou em aniversários...

Priscila: Durante as férias o que você mais gosta de fazer?

Participante 5: Praia.

Priscila: Para você quais são as vantagens de ser adolescente?

Participante 5: Curtir a vida.

Priscila: Você vê alguma desvantagem?

Participante 5: Os pais pegam muito no pé.

Priscila: O que lhe motiva a jogar voleibol?

Participante 5: É que eu gosto e a minha altura também, desde criança eu jogava na parede, em campeonato de escola, essas coisas.

Priscila: Qual a importância do professor da Educação Física na prática de atividade corporal?

Participante 5: Ele orienta você a aprender, a fazer o alongamento certo, esses tipos assim.

Priscila: Quais são os benefícios que você encontra em treinar aqui na Melhoramentos?

Participante 5: Eu aprendo e, o meu sonho é crescer, crescer no vôlei.

Priscila: Como você se sente com relação ao seu corpo? Como você vê seu corpo?

Participante 5: Está bem formado, mas eu tenho que engordar um pouco mais.

Priscila: Como você vê se corpo para ser uma jogadora?

Participante 5: Ótimo, porque eu sou alta e sou magra, e é básico.

Priscila: Como você acha que as outras pessoas lhe vêem como jogadora de vôlei?

Participante 5: Eu acho que me vêem um pouco magra.

Priscila: E como você gostaria de ser corporalmente? Você tem algum ideal?

Participante 5: Acho que só engordar mais, só engordar as coxas, só!

Priscila: Com relação ao seu corpo, de tudo o que você aprendeu praticando vôlei praticando esportes, o que você considera mais importante?

Participante 5: Não entendi.

Priscila: Você tratando do seu próprio corpo, o que você considera importante? O que você aprendeu com o esporte?

Participante 5: Ah, não sei, não estou entendendo.

Priscila: Como você se sente com relação ao seu corpo de mulher adolescente?

Participante 5: Eu gosto, só que eu queria engrossar a minha canela porque eu sou muito alta e fica fino, mas está legal, eu tenho a cintura fina, está bom.

Priscila: Você se vê diferente das outras meninas que não praticam esportes?

Participante 5: Eu me vejo, minhas pernas são mais duras, minha barriga é mais dura e eu gosto.

6ª Entrevista

Participante 6:

Estudante da 8ª série, 13 anos de idade, 1m e 78 cm de altura, 57 Kg.

Priscila: Há quanto tempo você pratica esportes?

Participante 6: Há uns 5 anos.

Priscila: Quantas modalidades esportivas você já vivenciou? Quais esportes você já praticou?

Participante 6: Só vôlei.

Priscila: Mas quantas você já experimentou?

Participante 6: Futebol e basquete.

Priscila: Há quanto tempo você optou por jogar vôlei?

Participante 6: Desde que eu tinha 8 anos.

Priscila: Quando você era criança do que você costumava brincar, quais eram as atividades corporais?

Participante 6: Queimada e handebol, era o que eu mais gostava.

Priscila: E além disso, você gostava de brincar de outras coisas?

Participante 6: Gostava de jogar futebol.

Priscila: Você brincava com muitos amigos?

Participante 6: Brincava muito

Priscila: Você fazia alguma atividade corporal na escola?

Participante 6: Eu gostava de jogar vôlei.

Priscila: Na sua escola tinha uma variedade de esportes ou era só vôlei?

Participante 6: Não, tinha vôlei, handebol, futebol e basquete.

Priscila: Hoje, que tipo de atividade você mais gosta de fazer - não precisa ser só no esporte?

Participante 6: Jogar vôlei.

Priscila: E outras coisas?

Participante 6: Gosto de andar, de caminhar.

Priscila: E você sai muito com seus amigos, que lugares você mais gosta de sair?

Participante 6: Saio, vou ao *McDonald's*, ao cinema.

Priscila: Você tem bastante amigos?

Participante 6: Tenho.

Priscila: Durante as férias o que você mais gosta de fazer?

Participante 6: Sair com os amigos.

Priscila: Para você, quais são as vantagens de ser adolescente?

Participante 6: É que já muda, parece que você tem mais liberdade para sair, tem mais amizades com as outras pessoas.

Priscila: Você vê alguma desvantagem?

Participante 6: Que a mãe pega no pé.

Priscila: O que lhe motiva a jogar voleibol?

Participante 6: Não sei.

Priscila: O que leva você a jogar vôlei?

Participante 6: Eu adoro, acho que é um esporte interessante, eu adoro ver na televisão. A primeira vez que eu vi na televisão eu já falei para o meu pai que eu queria treinar vôlei.

Priscila: Qual a importância do professor da Educação Física na prática de atividade corporal?

Participante 6: Ele me ensinou a dar um toque, uma manchete, na escola.

Priscila: Quais são os benefícios que você encontra em treinar aqui na Melhoramentos?

Participante 6: Aqui eu tenho... É gostoso vir aqui, a turma se enturma, é alegre, é legal.

Priscila: Como você se sente com relação ao seu corpo? Como você vê seu corpo?

Participante 6: Mudou completamente. Minhas pernas engrossaram, minha barriga afinou depois do vôlei.

Priscila: Como você vê o seu corpo de mulher adolescente?

Participante 6: Eu acho que o meu corpo está bom, só que eu deveria ter mais bumbum e as pernas mais grossas, porque eu acho bonito, acho importante.

Priscila: Como você vê seu corpo para ser uma jogadora?

Participante 6: Na minha idade, eu acho que meu corpo está bom.

Priscila: Como você acha que as outras pessoas te vêem como jogadora de vôlei?

Participante 6: Nem magra, nem gorda, mas eu acho que razoável, acho que está bom.

Priscila: Como você gostaria que seu corpo fosse para ser jogadora de vôlei?

Participante 6: Mais alta.

Priscila: Você se vê diferente das outras meninas adolescentes por ser atleta?

Participante 6: Bastante. As meninas que não fazem esportes têm as pernas mais finas, são mais baixas, tem tudo menor. Eu gosto do meu corpo como ele é.

7ª Entrevista

Participante 7:

Estudante da 8ª série, 13 anos de idade, 1m e 74 cm de altura, 61 Kg.

Priscila: Há quanto tempo você pratica esportes?

Participante 7: O vôlei, há 6 anos.

Priscila: Quantas modalidades esportivas você já vivenciou? Quais esportes você já praticou?

Participante 7: Só vôlei.

Priscila: Há quanto tempo você optou por jogar vôlei?

Participante 7: Há seis anos mesmo.

Priscila: Quando você era criança do que você costumava brincar, quais eram as atividades corporais?

Participante 7: Brincadeira de criança mesmo, corre-corre, pega-pega.

Priscila: O que você mais gostava de fazer quando você era criança?

Participante 7: Jogar vôlei.

Priscila: E outra brincadeira, não tinha outra brincadeira preferida?

Participante 7: Não, não tinha, era só vôlei.

Priscila: Você brincava com muitos amigos?

Participante 7: Brincava.

Priscila: Você fazia alguma atividade corporal na escola?

Participante 7: Na escola o que eles mais faziam mesmo era o vôlei, porque todo mundo gostava.

Priscila: Você lembra de ter tido outros esportes na escola?

Participante 7: Basquete e handebol, mas sempre foi vôlei mesmo.

Priscila: Hoje, que tipo de atividade você mais gosta de fazer - não precisa ser só no esporte?

Participante 7: Jogar vôlei.

Priscila: Você sai muito com seus amigos, que lugares você mais gosta de sair?

Participante 7: Não, eu não sou muito de sair não.

Priscila: Você tem bastante amigos?

Participante 7: Tenho.

Priscila: Durante as férias o que você mais gosta de fazer?

Participante 7: Às vezes, eu vou viajar, mas a maior parte do tempo eu fico em casa.

Priscila: Quando você sai com seus amigos, em que lugares você costuma ir?

Participante 7: Eu não vou em danceteria, essas coisas, eu não sou chegada nesse tipo de coisa. Minha vida é praticamente o vôlei, só quadra, só vendo essas coisas.

Priscila: Para você quais são as vantagens de ser adolescente?

Participante 7: Eu posso fazer tudo o que eu quero. Para o esporte eu tenho idade, tenho tamanho, eu tenho tudo.

Priscila: Você vê alguma desvantagem?

Participante 7: Não sei.

Priscila: O que lhe motiva a jogar voleibol?

Participante 7: Eu gosto muito. É uma coisa que eu quero, ser jogadora. Eu sonho muito com isso, por isso que eu joga.

Priscila: No começo, o que te levou a jogar vôlei?

Participante 7: Minha mãe jogava até se casar com o meu pai, depois ela abandonou e eu comecei a jogar por vontade dela, mas daí eu gostei.

Priscila: Para você qual foi a importância do professor de Educação Física?

Participante 7: Ele me ensinou várias coisas, praticamente tudo que eu faço hoje.

Priscila: Quais são os benefícios que você encontra em treinar aqui na Melhoramentos?

Participante 7: Eu acho que aqui alguém pode me descobrir, porque é um time mais conhecido e eu posso crescer.

Priscila: Como você se sente com relação ao seu corpo?

Participante 7: Bem. Às vezes, eu acho que eu exagero um pouco, mas eu acho que eu estou no peso normal, eu não tenho nenhum problema com o meu corpo.

Priscila: Como você vê seu corpo para ser uma jogadora?

Participante 7: Eu acho que eu estou preparada. Qualquer coisa que me mandar fazer eu faço, meu corpo aguenta...

Priscila: Como você vê o seu corpo de mulher adolescente?

Participante 7: Eu gosto do meu corpo, eu não tenho nenhum problema, só que eu queria ser mais alta.

Priscila: Como você acha que as outras pessoas te vêem como jogadora de vôlei?

Participante 7: Muitos falam que eu sou magra, eu acho que, às vezes, eu estou gorda, realmente, minha mãe vive falando que eu estou gorda, que eu tenho que emagrecer.

Priscila: Como você gostaria que seu corpo fosse para ser jogadora de vôlei?

Participante 7: Mais alta.

Priscila: Você se vê diferente das meninas que não são atletas?

Participante 7: Claro, eu acho meu corpo bem diferente, mas queria ser muito mais alta.

8ª Entrevista

Participante 8:

Estudante da 8ª série, 13 anos de idade, 1m e 75 cm de altura, 62 Kg.

Priscila: Há quanto tempo você pratica esportes?

Participante 8: Sempre, desde criança. No vôlei mesmo, eu comecei à cinco anos.

Priscila: Quantas modalidades esportivas você já vivenciou? Quais esportes você já praticou?

Participante 8: Só vôlei.

Priscila: Há quanto tempo você optou por jogar vôlei?

Participante 8: Há 5 anos.

Priscila: Quando você era criança do que você costumava brincar, quais eram as atividades corporais?

Participante 8: Esconde-esconde, pega-pega, gato-mia.

Priscila: O que você mais gostava?

Participante 8: De brincar com minhas amigas.

Priscila: Você brincava com muitos amigos?

Participante 8: Eu gostava de brincar com minhas melhores amigas.

Priscila: Você fazia alguma atividade corporal na escola?

Participante 8: Fazia Educação Física.

Priscila: Na Educação Física, quais esportes você praticou?

Participante 8: Quando eu era criança, mais nova, eu brincava muito de queimada. Depois que passou da quinta série, começou um pouco de vôlei, futebol, handebol, basquete, futebol de salão.

Priscila: Hoje, que tipo de atividade você mais gosta de fazer - não precisa ser só no esporte?

Participante 8: Tanta coisa, eu gosto de conversar muito, gosto muito de vôlei também.

Priscila: Você sai muito com seus amigos, que lugares você mais gosta de sair?

Participante 8: Agora eu não estou acostumando a sair muito não, por causa da escola.

Priscila: Quando você sai o que você faz?

Participante 8: Vou no shopping, no cinema, essas coisas.

Priscila: Durante as férias o que você mais gosta de fazer?

Participante 8: Fazer tudo que eu não podia fazer nas aulas, me divertir mais, ficar em casa assistindo televisão, jogar vôlei quando eu posso.

Priscila: Para você, quais são as vantagens de ser adolescente?

Participante 8: Com a pessoa que eu sou eu acho que eu consigo muito mais coisa agora, também aprendo muita coisa. É muito bom ser adolescente.

Priscila: Você vê alguma desvantagem?

Participante 8: Sofre muita pressão dos pais, principalmente agora, e na escola também, está sendo difícil, tem muita coisa para fazer durante a semana.

Priscila: O que te motiva a jogar voleibol?

Participante 8: Eu comecei a jogar vôlei por recomendação do médico porque eu não fazia nenhum exercício e precisava disso para melhorar minha saúde. Comecei a fazer e, hoje, não paro mais. Começou como obrigação e, hoje é uma das coisas que eu gosto muito. Eu pretendo seguir o voleibol na minha carreira, e também é um exercício físico muito bom, não deixa a gente parada, é bom em todos os sentidos.

Priscila: Quais são os benefícios que você encontra em treinar aqui na Melhoramentos?

Participante 8: Aqui a gente sabe que vai ter um futuro legal se a gente se esforçar, porque nos dá muita oportunidade, eles dão muita chance para gente. Eu sei que se eu me esforçar eu vou muito bem nisso. Eu estou com o Tião há cinco anos, desde que eu comecei ele me dá muito incentivo.

Priscila: Qual a importância do professor da Educação Física na prática de atividade corporal?

Participante 8: Não muita coisa. Eles ensinam a gente, mas não dão muito fundamento, não ligam muito para gente, nem estão baseados numa coisa só. É legal, acho essencial a Educação Física.

Priscila: Como você se sente com relação ao seu corpo? Como você vê seu corpo?

Participante 8: Eu não tenho medo de nada que possa acontecer comigo. Eu não me acho gorda, eu estou normal.

Priscila: Como você vê seu corpo de mulher adolescente?

Participante 8: Eu acho que meu corpo ficou mais legal, apesar de algumas mudanças chatas, por exemplo, a menstruação que começou quando eu tinha dez anos. Mas, eu cresci mais, me desenvolvi e estou gostando.

Priscila: Você vê diferença do seu corpo para os das meninas que não praticam esportes?

Participante 8: Você vê nitidamente que faz e quem não faz esporte. As meninas que não fazem são todas gordinhas, fortinhas. Quando eu digo que jogo vôlei todo mundo diz: "é por isso que você é assim". Eu acho muito ruim não fazer esporte.

Priscila: Como você vê seu corpo para ser uma jogadora?

Participante 8: Vejo como uma atleta que leva a coisa muito a sério, se esforça bastante, dou muita força para muita gente que precisa e, eu jogo bem.

Priscila: Como você gostaria que seu corpo fosse para ser jogadora de vôlei?

Participante 8: Eu queria ter mais força, eu estou precisando ter mais força.

Priscila: Como você acha que as outras pessoas te vêem como jogadora de vôlei?

Participante 8: Ninguém reclamou até agora, sempre falam bem, nunca reclamaram.

9ª Entrevista

Participante 9:

Estudante da 8ª série, 13 anos de idade, 1m e 77 cm de altura, 60 Kg.

Priscila: Há quanto tempo você pratica esportes?

Participante 9: Há 8 anos.

Priscila: Quantas modalidades esportivas você já vivenciou? Quais esportes você já praticou?

Participante 9: Vôlei, natação, ginástica olímpica, capoeira.

Priscila: Há quanto tempo você optou por jogar vôlei?

Participante 9: Há 8 anos.

Priscila: Quando você era criança do que você costumava brincar, quais eram as atividades corporais?

Participante 9: Esconde-esconde, pega-pega, boneca, eu adorava nadar, maquiar, vestir de gente grande.

Priscila: Você brincava com muitos amigos?

Participante 9: Eu morava em prédio, então eu brincava muito com as minhas irmãs e tinha muito amigo no prédio, na escola.

Priscila: Das brincadeiras, qual você mais gostava?

Participante 9: De mexer nas coisas da minha mãe.

Priscila: Você fazia alguma atividade corporal na escola?

Participante 9: Fazia desde o prezinho, jogava pique-bandeira, queimada, speed ball, futebol, vôlei, handebol.

Priscila: Hoje, que tipo de atividade você mais gosta de fazer - não precisa ser só no esporte?

Participante 9: Jogar vôlei, dançar, passear e viajar.

Priscila: Você sai muito com seus amigos, que lugares você mais gosta de sair?

Participante 9: Muito não, razoável. Eu gosto de ir ao cinema, quando eu não fazia vôlei ainda a gente ia na Lagoa do Taquaral, no clube.

Priscila: Durante as férias o que você mais gosta de fazer?

Participante 9: Eu gosto de ir bastante ao clube e ficar bem morena do sol, viajar de preferência, gosto de emagrecer, de ler um livro, e rever os parentes, eu adoro visitar os parentes.

Priscila: Para você quais são as vantagens de ser adolescente?

Participante 9: Começar a sair, começar a ter namorado, poder tomar umas decisões sozinha, começar a ser gente grande.

Priscila: Você vê alguma desvantagem?

Participante 9: Implicância dos pais, às vezes, mas só um pouquinho porque eles são bonzinhos, dizem que a gente se irrita bastante, fica muito irritado à toa.

Priscila: O que te motiva a jogar voleibol?

Participante 9: Prazer e vontade de ser jogadora. Meus pais me ajudam muito.

Priscila: Quais são os benefícios que você encontra em treinar aqui na Melhoramentos?

Participante 9: É um pouco profissional. Já é um vôlei profissional, que a gente já vê um futuro, tem federação, responsabilidade, tem sempre treino no dia certo e jogos, é muito bom participar dos campeonatos regionais.

Priscila: Qual a importância do professor da Educação Física na prática de atividade corporal?

Participante 9: Meus professores não foram muito bons. Não sei se é porque eu fazia desde pequena e já estava acostumada com aquelas brincadeiras básicas, mas é meio fraco comparado com as atividades que eu fazia fora da escola.

Priscila: Quais atividades que você fazia fora da escola?

Participante 9: Vôlei, futebol, bem mais coisa fora do que dentro.

Priscila: Como você se sente com relação ao seu corpo? Como você vê seu corpo?

Participante 9: Eu me sinto bem, eu tenho um físico bom, mas eu gostaria de ser mais magrela. De vez em quando, eu faço uns regiminhos. Eu sei que não vou engordar porque eu como balanceadamente e o esporte ajuda. Eu gosto do meu corpo.

Priscila: De tudo o que você aprendeu com relação ao seu corpo com o esporte, o que você acha mais importante?

Participante 9: O físico é o mais importante, o esporte proporciona a gente aprender a alongar direitinho, conseguir dar uma volta por fora da Lagoa, resistência física.

Priscila: Como você vê seu corpo para ser uma jogadora?

Participante 9: Eu vejo meu corpo bom, apesar de ser um pouco baixa.

Priscila: Como você acha que as outras pessoas lhe vêem como jogadora de vôlei?

Participante 9: Experiente talvez, porque eu estou há oito anos no vôlei, mas também tem a desvantagem de me verem baixa. Mas elas me vêem com futuro, têm muita confiança em mim.

Priscila: Como você gostaria que seu corpo fosse para ser jogadora de vôlei?

Participante 9: Um pouquinho mais alto. A única coisa que eu queria era isso porque eu sei que com o tempo eu vou conseguir ter um físico maior, um pouquinho mais de resistência física, um pouquinho melhor, mas eu acho que vem com o tempo.